

ultimato

APOCALIPSE
para hoje

APLICAÇÃO E ATUALIDADE DA REVELAÇÃO

— JOÃO LEONEL —

— JOÃO LEONEL —

APOCALIPSE
para hoje

APLICAÇÃO E ATUALIDADE DA REVELAÇÃO

ultimato 

VICOSA|MG

APOCALIPSE - APLICAÇÃO E ATUALIDADE DA REVELAÇÃO

CATEGORIA: Estudo Bíblico | Teologia | Vida Cristã

Copyright © João Leonel, 2016

Todos os direitos reservados

PRIMEIRA EDIÇÃO ELETRÔNICA: Julho de 2016

DIAGRAMAÇÃO: Bruno Menezes

CAPA: Ana Cláudia Nunes

ISBN: 978-85-7779-152-1

Publicado no Brasil com autorização
e com todos os direitos reservados pela

EDITORA ULTIMATO LTDA

Caixa Postal 43

36570-000 Viçosa, MG

Telefone: 31 3611-8500 — Fax: 31 3891-1557

www.ultimato.com.br

SUMÁRIO

Apresentação	5
Introdução	8
Que livro é esse?	11
Título, abertura e vocação profética do Apocalipse [capítulo 1]	22
Os destinatários do Apocalipse: as sete Igrejas da Ásia [capítulos 2 e 3]	29
A abertura dos selos [capítulos 4 a 7]	35
O toque das sete trombetas [capítulos 8 a 11]	43
A identidade do Império Romano e a perseguição aos cristãos [capítulos 12 a 14]	49
As sete taças [capítulos 15 a 16]	56
A derrota de Roma, da Besta e do Falso Profeta [capítulos 17 a 19]	61
O aprisionamento do Dragão e a vitória da Igreja [Parte 1 - capítulo 20]	69
O aprisionamento do Dragão e a vitória da Igreja [Parte 2 - capítulos 21 a 22.5]	74
Conclusão [capítulo 22.6-21]	81
Referências bibliográficas	86

APRESENTAÇÃO

“MAIS UM LIVRO SOBRE O APOCALIPSE?” Esta poderia ser uma reação ao texto do Leonel – pois tanta coisa já se escreveu sobre este livro que, talvez, nada mais precise ser dito. Outra reação possível seria “por que voltar a esse livro agora, em pleno século XXI?”. É verdade, a escatologia está fora de moda; o terror apocalíptico também já não assusta mais como antigamente. Cá entre nós, excelentes razões para não se publicar mais um livro sobre o Apocalipse de João.

Felizmente, porém, o João do século XXI, não aceitou essas excelentes razões, e escreveu sobre o livro do João do século I. Pois é, isto é coisa de Joões. Os dois Joões escreveram fora de hora. O do século I, quando deveria ter ficado calado para salvar a própria vida e ficar fora de encrencas com o Império. O do século XXI, para se manter na moda eclesiástica e na tradição acadêmica. Graças a Deus pelas pessoas que escrevem fora de hora. A Bíblia ficaria empobrecida sem o Apocalipse do João. Nós não seríamos agraciados pelo Apocalipse do Leonel.

O Apocalipse de João, o canônico, é sabidamente um texto desafiador. Por um lado, desafia seus intérpretes. Uma pequena obra que oferece dificuldades imensas a quem a lê, graças aos seus símbolos, metáforas, alegorias, estruturações cheias de inversões e progressões. Dificuldades ampliadas ao extremo pela mentalidade apocalíptica, uma forma de ver o mundo que nos é estranha e aparentemente despropositada. Por outro lado, desafia a fé. Quando se cumprirão as palavras desse estranho livro? Dois mil anos de espera, e nada de Jesus voltar. Ele já deveria ter voltado – assim nos ensinaram os intérpretes calculistas do Apocalipse – pois os sinais de sua vinda se mostram cada vez mais. Ou, para os não tão crédulos, Ele jamais voltará. Aliás, para que voltar, se a prosperidade se tornou a recompensa da fé no evangelho? Evangelho distorcido, falseado, capitalizado.

Inda bem que o João, o Leonel, não desistiu de ler o Apocalipse. Sua teimosia e perseverança nos legaram um presente. O Apocalipse do João do século XXI, fiel ao do século I, é um texto desafiador. Em primeiro lugar, não é um daqueles comentários que resolvem todos os problemas do texto e nos dão a verdadeira e correta interpretação. Até parece um comentário, mas não é. Nem traz palavras gregas para validar suas interpretações! É, sim, uma leitura que nos desafia a ler o Apocalipse do século I como um livro relevante para o século XXI. Em segundo lugar, não é um livro fácil de classificar. Não é uma obra acadêmica, nem tampouco um texto devocional. Seu público-alvo não é o de estudiosos, mas também não aceita preguiçosos. É um livro didático, mas não segue os padrões simplificadores de muitas obras didáticas. Enfim, nos desafia a ler o mundo atual a partir do velho Apocalipse, sem incorrer nos erros mais crassos da interpretação dos Apocalipses – invenções mirabolantes, revelação de segredos até então ocultos, assustadoras descrições do fim dos tempos.

O Apocalipse do Leonel nos ajuda a ler o mundo contemporâneo com as lentes do João da Bíblia, e nos ajuda a redescobrir o João da Bíblia com as lentes do mundo novo em que vivemos. De fato, esse é o desafio de qualquer leitura da Bíblia. Realizar um percurso complexo e desafiador - ir aos tempos bíblicos a partir dos nossos

tempos, reinventar nossos tempos a partir dos tempos bíblicos. Para fazermos isto, precisamos prestar muita atenção ao texto bíblico – sua estruturação, seu vocabulário, suas perguntas, sua fé. O Apocalipse do Leonel nos oferece um guia seguro para o Apocalipse do João de Patmos. Sem a pretensão de oferecer respostas impossíveis, nos apresenta um caminho seguro e bem demarcado de leitura. Leonel lê o texto do João de modo tal que nós, leitores e leitoras do Leonel, atravessemos o texto leonelino e encontremos o joanino. Ao mesmo tempo em que o Apocalipse de João fica claro, transparente em sua organização e projeto, os seus segredos e mistérios continuam a nos desafiar.

Munidos com o texto joanino, podemos discernir o mundo contemporâneo. Somos chamados, convocados, pelos Joões, a nos posicionarmos em nosso mundo, em nosso tempo. A velha profecia, sempre nova, evoca e convoca – e o texto do Leonel, profeticamente, nos exorta a assumir um lugar crítico e transformador neste mundo em que as utopias e esperanças se reduziram ao novo modelo de carro, celular ou computador que o Mercado nos oferece. Ou aos novos filmes, sermões e ficções sobre o fim terrível do mundo – tão terrível que sempre nos é oferecido um final feliz. Os Apocalipses dos Joões não são textos para consumistas e derrotistas, para alienados e conformistas. São textos para gente resistente, para gente discernidora, para gente batalhadora. Bem-aventurados somos nós, que podemos ler um e o mesmo Apocalipse em duas versões, a do século I e a do XXI. Bem-aventurados seremos nós se incorporarmos a fé e a missão apocalípticas.

JÚLIO PAULO TAVARES ZABATIERO

INTRODUÇÃO

QUALQUER PESSOA que se proponha a escrever um comentário sobre o Apocalipse incorre em grande risco. Não negando os riscos aos quais estou exposto, minha consciência se tranquiliza ao saber que este texto não é um comentário ao último livro da Bíblia.

Talvez seja bom esclarecer o que este pequeno livro não é. Como disse, ele não é um comentário ao Apocalipse. Por várias razões. A primeira delas pela forma de organização escolhida. Embora eu siga a ordem dos capítulos, minha prioridade não é entrar em discussões aprofundadas sobre aspectos específicos de determinados textos e versículos. Quem desejar esclarecer dúvidas desse tipo encontrará no final deste livro uma lista de obras de caráter exegético que poderão ser utilizadas com proveito. Outro motivo pelo qual este livro não é um comentário diz respeito ao seu público alvo. O texto não se dirige primariamente aos estudiosos e religiosos que procuram uma leitura técnica. Para eles há outros livros mais úteis. Uma última razão que me leva a não considerar este livro um comentário ao Apocalipse está

relacionada à extensão do texto. Seria muita pretensão colocar este livro dentro de um gênero literário, os comentários bíblicos, que possuem uma tradição mais do que milenar. Ou eu seria muito ousado, procurando, com poucas páginas, dar respostas a problemas que têm requerido centenas de laudas de outros estudiosos muito mais competentes do que eu, ou, então, simplesmente não saberia exatamente o que é um comentário bíblico.

Este livro não é também uma leitura de autoajuda. Embora o Apocalipse não seja exatamente o livro indicado para esse objetivo, sempre há aqueles que o procuram para se consolarem diante de situações problemáticas, esperando uma mensagem que lhes dê segurança e garantia. Um analgésico textual para as dores do mundo. Sugiro que aqueles que procuram tal leitura não se deem ao trabalho de ler esta obra.

Decorrência do que disse acima, este livrinho não é também um texto de reflexões piedosas. Com isso quero dizer que não há aqui uma intenção primeira de levar os leitores à reflexão sobre a vida espiritual, como se fosse um devocionário. Embora o Apocalipse e este livro não se neguem à reflexão, ambos não apresentam exatamente esse tipo de abordagem contemporânea que, na verdade, acaba gerando um imobilismo religioso ao invés de despertar um senso de urgência nos leitores.

Mas, então, o que é este livro? Ele é, primeiramente, um texto de caráter comunitário. Nasceu de grupos de estudo sobre o Apocalipse, onde o texto era uma espécie de porta de entrada ao livro, mas cujo entendimento era produzido coletivamente. Isso não significa que o leitor somente terá proveito se lê-lo comunitariamente. Até por que o texto sofreu acréscimos visando à publicação. O livro pode ser lido individualmente, mas, mesmo assim, não se deve esquecer que o Apocalipse foi escrito para igrejas (as sete igrejas da Ásia Menor) e que seu autor desejava motivar, além de indivíduos, comunidades inteiras a se posicionarem diante da vida.

Por isso mesmo, antes de ser um comentário, este livro é um texto que procura, a partir da mensagem do Apocalipse, pensar a vida no mundo em que vivemos. Creio que toda leitura bíblica deve ter esse

contexto concreto. E, também por isso, este livro não se dirige ao especialista que procura sentidos obscuros e minúcias exegéticas, mas ao leitor comum, pessoas como eu e você que procuram compreender a mensagem do Apocalipse e interagir com ela.

É bom adiantar que o Apocalipse exige uma leitura comprometida. Suas denúncias e advertências não devem cair no vazio. Ao lê-lo, convém que pensemos o tipo de resposta que daremos. E é bom também lembrar que tanto Deus quanto Jesus Cristo são descritos de uma forma um tanto diferente daquela que estamos acostumados ao ler o Novo Testamento, ou então da forma como normalmente os concebemos. Bem, espero que após a leitura você concorde comigo.

Uma palavra de explicação sobre o título: Apocalipse – aplicação e atualidade da Revelação.

O texto bíblico utilizado foi a *Bíblia Sagrada*. Revista e atualizada. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. Penso que mesmo que sejam usadas outras edições para a leitura dos textos bíblicos, não haverá dificuldade de compreensão. Quando necessário utilizei o texto grego: ALAND, K. et al (Eds). *The Greek New Testament*. 4ª. ed. rev. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1994.

Uma palavra de agradecimento. Para aqueles com quem tenho compartilhado minha compreensão do Apocalipse e que, com suas reflexões, permitem que eu me aprofunde no entendimento desse livro maravilhoso. Aos cristãos apocalípticos que viveram e vivem nas margens da História e mesmo das igrejas institucionais, e que me desafiam com sua radicalidade e me fazem ler o Apocalipse com maior reverência. À minha mãe, Conceição, com carinho e amor. E à minha querida Cláudia, aos filhos Timóteo, Melina, João Guilherme, e ao neto Mateus, manifestações da graça de Deus em minha vida.

JOÃO LEONEL

QUE LIVRO É ESSE?

APOCALIPSE! Talvez este seja o livro menos lido em todo o Novo Testamento. É provável que a maioria dos cristãos nunca o tenha lido, ou, se leram, o fizeram apenas em pequenas porções.

Possivelmente esse afastamento do Apocalipse deve-se à visão equivocada ou preconceituosa que as pessoas nutrem em relação a ele.

APOCALIPSE - O VILÃO DO NOVO TESTAMENTO?

É assim que muitas pessoas veem o livro. Embora não tendo lido o Apocalipse, ou lendo pequenos trechos, creem que ele fala do fim do mundo, com estrelas e prédios caindo sobre suas cabeças. Além disso, ele apresentaria o grande sofrimento pelo qual os cristãos passarão, conhecido como “Grande Tribulação”, e isso não é nada bom para qualquer pessoa. Além do mais, tal mensagem estaria em contraste com a vida vitoriosa da qual o resto do Novo Testamento fala.

O Apocalipse também é um vilão porque apresenta o “Dragão, a Besta, o Falso Profeta, e o inigmático 666 como número da Besta”,

dando a impressão de que todos eles um dia, de modo inesperado, surgirão diante dos cristãos para persegui-los e matá-los. É natural que isso gere pânico em muitas pessoas. Nesse sentido, o livro parece um filme de terror de mau gosto.

A interpretação popular colabora igualmente com a confusão. Uma interpretação meramente futurista e alienante é muito comum. Quanto a isso, o Apocalipse falaria apenas do que está por vir, sem se importar com o presente, sendo que a consequência de tal perspectiva é a alienação profunda gerada naqueles que o leem. O livro também serviu para justificar posturas de cunho político da parte de alguns intérpretes norte-americanos no contexto da Guerra Fria vivida principalmente por Estados Unidos e a ex-União Soviética. Nesse contexto, tais comentaristas entendiam que o Apocalipse apresentava a URSS juntamente com a China (Gogue e Magogue - Ap 20.7-8) como bloco comunista e diabólico que buscava destruir os cristãos. Estes, entretanto, venceriam com a ajuda de Jesus Cristo.

Por essas e outras razões, por que alguém leria esse livro?

AFINAL, QUE LIVRO É ESSE?

O caos interpretativo descrito acima encontra sua razão na falta de entendimento do *gênero literário* ao qual o Apocalipse pertence. Os gêneros literários são importantes por representarem determinadas formas que os autores escolhem para escrever seus textos. Por exemplo, o gênero literário “carta” não se presta para escrever uma história. Para tanto, um texto em forma narrativa deve ser usado. Quanto a isso, apocalipse não é apenas o nome de um livro bíblico, mas *um gênero literário*. O livro faz parte de um conjunto de obras chamado de *Apocalíptica*. Vários outros livros apocalípticos, semelhantes ao que estamos estudando foram escritos:

- I Enoque (escrito cerca de 200 a.C.);
- Livro do Jubileu (por volta do 2º. século a.C.);
- Testamento de Moisés (começo do 1º. século d.C.);
- 4 Esdras (final do 1º. século d.C.);
- Apocalipse de Abraão (1º. ou 2º. século d.C.).

E alguns segmentos dentro de livros bíblicos:

- Daniel 7-12.
- Marcos 13 (com paralelo em Mt 24 e Lc 21).
- 2 Tessalonicenses 2.

Todos esses livros compõem a *literatura apocalíptica*. Ela procura transmitir uma mensagem de fé e esperança para aqueles que estão sofrendo. O próprio termo *apocalipse*, que significa *revelação*, indica isso. Através desses livros, seus autores querem revelar o propósito de Deus àqueles que são perseguidos por sua fé. O objetivo dos livros é mostrar a verdadeira realidade a fim de fornecer forças para que os cristãos continuem a perseverar. Isso se dá através de quadros de caráter universal, de alterações cósmicas e da interrelação entre terra e céu, como a descrição da visão celeste presenciada por João nos capítulos 4 e 5, e a abertura dos selos (capítulos 6 a 8), o toque das trombetas (capítulos 8 e 9) e o derramamento das taças (capítulos 15 e 16), todos descrevendo ações celestiais sobre a terra.

Imagens coloridas e simbólicas também fazem parte do quadro apocalíptico. Por exemplo, a simbologia dos números: *três, sete, doze, mil anos, cento e quarenta e quatro mil*. A figura de animais: *dragão, besta, leão, urso, cordeiro*. Para aqueles que não estavam acostumados com essa literatura, ela parecia uma linguagem secreta, em código, de forma que se criavam dois grupos. Para os perseguidores, os livros não traziam sentido. Mas para o autor e os leitores, eram cheios de significado.

O problema é que hoje nos sentimos como aqueles que perseguem os cristãos. Não conseguimos entender a mensagem do Apocalipse. Para que a compreendamos, é necessário conhecer um pouco do contexto em que o livro surgiu, e, principalmente, conhecer o Antigo Testamento, de onde a grande maioria das imagens foi retirada.

Mas também é importante saber que o próprio livro interpreta vários de seus símbolos. Por exemplo, em 1.12 temos a apresentação dos “sete candeeiros de ouro”. Qual o sentido da expressão? Mais à frente o autor fornece a interpretação: “os sete candeeiros são as sete igrejas” (1.20), as quais recebem cartas logo a seguir no capítulo 2.

Do mesmo modo, em 12.3 surge a figura do “dragão”. Podemos nos perguntar novamente a respeito de sua identificação. Ela surge logo a seguir: “o grande dragão é a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás” (12.9).

POR QUEM, PARA QUEM, ONDE E QUANDO O LIVRO FOI ESCRITO?

Por quatro vezes o autor do Apocalipse se identifica como “João” (1.1,4,9; 22.8). Quanto a isso não há problema. A dificuldade começa quando se liga diretamente este João com o apóstolo. A discussão a esse respeito é complexa e não é possível desenvolvê-la aqui. O que posso dizer é que a tradição cristã desde logo atribuiu o Apocalipse ao apóstolo João. Mas, mesmo assim, na História da Igreja houve algumas vozes discordantes, como, por exemplo, Dionísio de Alexandria, no século III d.C, que atribuiu o Apocalipse a um João desconhecido.

O importante nessa discussão é distinguir entre evidências internas e externas. As externas foram mencionadas no parágrafo anterior. Elas possuem peso, mas as evidências internas são mais importantes, ou seja, aqueles dados que o próprio livro apresenta e que ajudam na definição da autoria. Quanto a isso, além do nome João que, como vimos, não acrescenta muito, há dados linguísticos, como o uso de certos termos. O Apocalipse possui um vocabulário que o aproxima do evangelho de João: Jesus identificado como Cordeiro, como fonte de água viva (Jo 7.37-39 com Ap 22.1), como luz (Jo 8.12 com Ap 21.23-24), com o verbo (Jo 1.1,14 com Ap 19.13) etc. No entanto, existem muitas diferenças também. O evangelho, por exemplo, trabalha com uma perspectiva escatológica conhecida como “realizada”, isto é, com ênfase na primeira vinda de Jesus, enquanto o Apocalipse coloca o foco na segunda vinda. Enquanto o evangelho faz citações literais do Antigo Testamento, o Apocalipse não contém esse tipo de citação, fazendo-as de modo indireto.

Portanto, convém cautela quanto à definição de autoria do Apocalipse. Se alguém acha que os dados são convincentes para concluir que o apóstolo João foi o autor do livro, não há problema. Por outro lado, se o leitor julga que as dificuldades para pensar o apóstolo João como autor são insuperáveis, ele terá respaldo para isso.

Quanto aos destinatários e sua localização, o Apocalipse é um livro de cunho pastoral provavelmente escrito na Ásia Menor, parte ocidental da atual Turquia, e enviado a sete igrejas dessa região (1.4). Esse dado é importante, pois mostra-nos que o livro não é um documento atemporal, sem conexões históricas. Pelo contrário, para entendê-lo adequadamente precisamos compreender, primeiramente, a mensagem que trouxe para seus destinatários. Os capítulos 2 e 3 permitem essa contextualização, apresentando os problemas vividos por essas comunidades.

Até algum tempo atrás havia consenso quanto à afirmação de que os cristãos na Ásia estavam passando por perseguições e que o livro foi produzido nesse contexto. De fato, o livro fala de perseguição: o próprio João está exilado em Patmos devido à perseguição religiosa (1.9); e os cristãos estão passando por tribulações (2.9-10) e morte (2.13; 6.9). Porém, hoje se questiona se houve realmente uma perseguição de caráter generalizado que atingisse todos os cristãos da Ásia Menor. O que poderia existir eram problemas localizados. Seguindo este ponto de vista, o escritor veria nesses problemas esporádicos sinais de um grande confronto que estava para se dar: Império Romano x Igreja. O Apocalipse teria, então, a função de servir como um alerta para despertar os cristãos para a realidade de que esse confronto estava começando, embora alguns não concordassem com tal postura. Dentro dessa perspectiva, o livro é altamente relevante para nós. Pode ser que convivamos bem com a sociedade, com as estruturas que nos cercam etc. Mas isso não revelará conformismo de nossa parte? O Apocalipse serve para questionar nossas posturas.

Com respeito à datação, muito provavelmente o livro foi escrito quando o imperador romano Domiciano, que reinou de 81 a 96 d.C., passou a exigir que seus súditos o adorassem como *deus*. Isso não constituiu problema para a população em geral, visto que estavam acostumados com um culto politeísta, e adorar mais um deus não seria visto como problema. Para os cristãos não foi assim. Até então a tradição cristã promovia a intercessão e a submissão às autoridades (1 Tm 2.1-2; Rm 13.1-7) e a honra ao rei (1 Pe 2.17). Mas agora a situação mudara. Os cristãos não poderiam dividir sua lealdade a

Jesus Cristo. Portanto, ao se negarem a prestar culto ao imperador, eles estariam sendo acusados de falta de patriotismo. Tal situação se apresentou de modo intenso principalmente na Ásia Menor, onde o culto ao imperador desenvolveu-se de mais acentuado.

O confronto estava apenas começando. Para alguns cristãos, por outro lado, ele não existia. Eles achavam que poderiam adorar Jesus e o imperador ao mesmo tempo. Essas pessoas são duramente criticadas no Apocalipse. Nesse contexto, podemos averiguar a ligação entre Estado e religião. Embora com expressões diferentes, tal associação não é estranha no mundo moderno, onde, em lugar do imperador, surgem a ciência, a tecnologia, o poder econômico e outros mais, exigindo de nós adoração.

EXISTE UMA ESTRUTURA NO APOCALIPSE?

Já foi dito que existem tantas estruturas para o Apocalipse quanto o número de seus comentadores. Obviamente exagerada, a afirmação realça a dificuldade de se definir a organização do livro.

Embora seja muito difícil chegar a um consenso, alguns dados podem ser observados. Todos os estudiosos, por exemplo, admitem que o livro apresenta uma forte ênfase no número *sete*. Há:

- sete igrejas: capítulos 2 e 3.
- sete espíritos: 1.4; 4.5.
- sete selos: capítulo 6 e 8.1-6.
- sete trombetas: 8.7-9.21 e 11.15-19.
- sete taças: capítulo 16.
- sete bem-aventuranças: 1.3; 14.13; 16.15; 19.9; 20.6; 22.7,14.

Por enquanto podemos dizer que o livro se desenvolve, em termos estruturais, em torno do número *sete*. Obviamente esta não é uma perspectiva totalizante, e onde ela não puder ser considerada, outras explicações serão fornecidas.

O APOCALIPSE COMO PROFECIA

De acordo com o próprio nome do livro, Apocalipse, termo grego que é traduzido por “revelação” em 1.1, o escritor procura apresentar o

real sentido da vida e do sofrimento cristãos por intermédio de uma “revelação” de Jesus Cristo. Mas o escritor também se apresenta como *profeta* (22.9) e caracteriza seu livro como *profecia* (1.3; 22.19). Qual a importância desses dados para o entendimento do texto?

Eles são relevantes, visto que a definição que dermos para “profecia” influirá na interpretação do livro. Portanto, devemos perguntar: o que é profecia?

Hoje em dia é muito comum o conceito de profecia como “predição do futuro”. É algo semelhante ao horóscopo, às profecias de Nostradamus ou coisa assim. Tal visão também é muito influenciada pelos místicos que fazem previsões e pelas práticas pentecostais, onde a previsão do futuro, tida como profecia, ocupa lugar de destaque. Mas será que é isso que o escritor do Apocalipse tem em mente quando chama seu livro de “profecia”?

Convém ressaltar que o autor do Apocalipse baseia-se no conceito vétero-testamentário de “profecia” para definir sua atividade. Nesse sentido, profecia é:

Uma mensagem recebida diretamente de Deus. Essa era a principal característica dos verdadeiros profetas em relação aos falsos (Jr 23.18-22). Os profetas verdadeiros participavam do “conselho” do Senhor. Esse conselho é composto pela Trindade e pelos seres celestiais que estão na presença de Deus. Há uma imagem clara do conselho do Senhor em Apocalipse 4 e 5. É ali que João, como profeta, se encontra (4.1). Portanto, o profeta é, fundamentalmente, aquele que recebe uma mensagem provida “diretamente de Deus”. Por isso, ela deve ser acolhida e não pode ser alterada (22.18-19). Além de ter origem divina, a profecia nos tempos neotestamentários é centralizada em Jesus (19.10). O espírito, o centro da profecia é o “testemunho de Jesus”. Ela visa fornecer uma mensagem sobre Jesus Cristo, e não “satisfazer” nossa curiosidade quanto ao futuro.

Uma mensagem que aponta para a vinda final de Jesus Cristo. A profecia segue aqui a perspectiva pela qual o Antigo Testamento era interpretado pelos cristãos primitivos: cristologicamente, isto é, encontrando nele predições que apontavam para Jesus Cristo (Lc 24.44). O Apocalipse

segue essa linha apresentando uma visão “cristológica” da História, declarando que Jesus a controla e afirmando que os eventos relativos à sua segunda vinda “estão próximos” (1.3). Na realidade, para os escritores do Novo Testamento, desde que ressuscitou Jesus “já está chegando”. É por isso que o escritor pode falar do julgamento sobre Roma como algo iminente. O Apocalipse, entretanto, não fala de acontecimentos “particulares”, mas de ações de Jesus que se darão como consequência de sua segunda vinda em um plano cósmico.

Uma mensagem que exorta ao arrependimento. Essa é uma das principais características da profecia. Na realidade, a palavra profética tem uma forte ênfase no “presente”, direcionada para o comportamento dos contemporâneos do profeta. Para criticar a prática pecaminosa, o profeta volta-se para o “passado” e encontra nele as orientações de Deus registradas no Pentateuco (quando o profeta vive nesse período), ou nas palavras de Jesus (quando o profeta é cristão). A partir daí, faz advertências para que se abandone o pecado, pois se não houver arrependimento, Deus irá punir tal comportamento no “futuro”. Segue-se, então, que a profecia fala do futuro como consequência da vida no presente. É nesse contexto que o profeta se dirige às igrejas nos capítulos 2 e 3, chamando-as ao arrependimento e advertindo-as quanto às consequências futuras (Ap 2.5,16, 21-23; 3.3).

Terminadas as considerações sobre *a profecia* no Apocalipse, podemos observar por que seu autor usa o gênero *apocalíptico* e, ao mesmo tempo, refere-se ao livro como uma profecia. Seu objetivo, através da apocalíptica, é atrair a atenção às tribulações que estão por vir e fornecer fortalecimento e conforto aos que sofrem. Para dar autoridade a essa mensagem, atribui a ela o status de *profecia*.

Como a profecia não pode ser entendida como uma mera “narração de eventos futuros”, estando, pelo contrário, mais ligada ao presente, podemos concluir do mesmo modo que o Apocalipse não é um livro que narra apenas acontecimentos que se darão em um horizonte futuro. Essa constatação permite-nos agora buscar uma visão que substitua essa abordagem futurista tão comum na interpretação do último livro da Bíblia.

APOCALIPSE - UMA ESTRUTURA NÃO CRONOLÓGICA

O Apocalipse não possui uma sequência cronológica. Isso significa que os fatos não se sucedem dentro de uma ordem histórica que culmina na segunda vinda de Jesus Cristo. Pelo contrário, o olhar futuro do autor recebe influência do contexto que envolve o livro e que é determinante para sua mensagem. A circunstância em que os cristãos primitivos viviam era de um conflito iminente com o Império Romano, diante do qual o autor procura fortalecê-los para que continuem fiéis a Deus, ao mesmo tempo em que apresenta uma palavra de condenação ao império e a seu imperador, por exigir ser adorado como Deus.

Dentro desse quadro, e para servir aos seus propósitos, o autor substitui a ordem cronológica por um recurso retórico denominado “paralelismo progressivo”. Ele é utilizado a partir do capítulo 4. No paralelismo progressivo uma mesma cena pode trazer elementos do passado, do presente e do futuro, com variação de ênfase entre eles. A sequência das cenas sempre apresentará dados novos a fim de desenvolver o tema e aumentar o clímax até chegar ao final do livro. O objetivo de tal técnica retórica é apresentar os mesmos elementos durante todo o livro, mas com grau crescente de intensidade e de revelação de informações. Vejamos como isso se dá na estrutura do Apocalipse:

1. Título do livro, abertura e vocação profética (capítulo 1).
2. Destinatários. As sete igrejas da Ásia Menor (capítulos 2 e 3).
3. Seis visões desenvolvendo o “paralelismo progressivo” (4.1-22.5).

3.1. A abertura dos sete selos (capítulo 4 a 7).

Aqui se encontra o “passado” representado na exaltação de Jesus Cristo após a ressurreição (5.6-7); o “presente” apresentando os mártires cristãos que estavam sendo mortos (6.9-11); e o “futuro” revelando a vinda de Jesus Cristo para julgar os opressores de seu povo (6.12-17).

3.2. O toque das sete trombetas (capítulos 8 a 11).

Temos o “presente” nas orações dos santos (8.3-4); e o “futuro” na afirmação de que “*chegou* o dia da ira e o tempo de serem julgados os mortos” (11.18).

3.3. A identidade do Império Romano e a perseguição aos cristãos (capítulos 12-14).

O “passado” pode ser percebido no registro do nascimento de Jesus Cristo (12.5); o “presente” na perseguição da igreja pelo dragão (Satanás) (12.17); e o “futuro” na imagem da “ceifa” em 14.14-20, comparada com a parábola do joio em Mt 13.24-30,36-43.

3.4. As sete taças (capítulos 15-16).

O “futuro” (16.20) é descrito por intermédio da imagem apocalíptica do aniquilamento dos elementos da natureza, semelhante a 6.14, em um contexto claro de manifestação futura do juízo de Jesus Cristo (6.17).

3.5. A derrota de Roma, da Besta e do Falso Profeta (capítulos 17-19).

O “futuro” (19.11 e 13) se manifesta na pessoa de Jesus Cristo que surge do céu para lutar contra a Besta, derrotando-a e lançando-a, juntamente com o falso profeta, para o lago de fogo (19.20).

3.6. O aprisionamento do Dragão e a vitória da Igreja (capítulos 20-22.5).

O aspecto “passado” é indicado pela referência ao aprisionamento de Satanás (20.2), que se deu durante o ministério de Jesus Cristo (cf. Lc 11.20-22); e o “futuro” está claramente identificado na narração do juízo final (20.11-14).

4. Conclusão (22.6-21).

Além dos dados da estrutura do livro que mostram o paralelismo progressivo, há outro recurso que visa demonstrar igualmente o desenvolvimento da tensão no enredo. Ele se manifesta nas palavras *ira* e *cólera* de Deus. A *ira* aparece em 6.16,17; 11.18, e a *cólera* em 14.19; 15.1,7; 16.1. Em outros contextos elas foram colocadas juntas com o objetivo de enfatizar ainda mais o sentimento de indignação de Deus (14.10; 16.19 e 19.15).

Embora possa parecer estranho ao leitor moderno, esse tipo de narrativa não cronológica é comum na Bíblia. Dois exemplos servem de ilustração. O primeiro em Is 6.1-13. O texto apresenta a vocação de Isaías. Então, em uma sequência cronológica, tal descrição não

deveria estar no começo do livro? Cronologicamente, sim, mas teologicamente, não. Em uma perspectiva teológica, o autor fala da dureza do povo (6.9-13) diante da mensagem do Senhor. Para exemplificar isso, coloca os cinco primeiros capítulos que indicam de modo prático essa dureza. Outro exemplo, agora do Novo Testamento, se encontra em Lc 3.20-22. O texto afirma que João Batista foi preso (3.20), mas logo em seguida faz referência ao batismo de Jesus pelo mesmo João Batista (3.21). Como pode ser? Como João batizaria Jesus se já estava preso? Isso ocorre por que o autor não está preocupado com a cronologia, mas com a mensagem teológica. Ele quer mostrar que, com a prisão de João Batista, termina um período da História de Israel (ele é o último profeta) e com Jesus começa um novo momento. Por isso a separação entre a prisão de João e o batizado de Jesus.

RESUMO

Com este capítulo fizemos uma primeira aproximação ao Apocalipse. Espero que tenhamos perdido o medo deste livro tão belo e que comecemos a entender alguns fatos que nos ajudam a compreendê-lo melhor. Uma última palavra. É significativa a posição que o Apocalipse ocupa no cânon bíblico. Sendo o último livro, é nele que confluem todas as esperanças, lutas e vivências do povo de Deus. Nele encontramos a última chance de expressão de vida cristã.

Por isso mesmo, o livro é apresentado como uma “profecia”, uma palavra vinda diretamente de Deus. Tal definição nos alerta para o fato de que o Apocalipse não deve ser entendido apenas em termos futuros. O fato dele não apresentar uma ordem cronológica também reitera sua pertinência para o presente.

No Apocalipse ou se está ao lado de Deus ou contra ele. Para seu autor, quem é “morno”, sentido obviamente metafórico indicando falta de compromisso cristão, corre o risco de ser vomitado pelo Senhor Jesus (3.16). Nesse sentido, a leitura e estudo do livro são desafiadores para seus leitores. É necessário, entretanto, encarar tal desafio, pois traz motivação para o crescimento e a maturidade cristã, assim como permite uma autoavaliação daqueles que o tomam em suas mãos.

TÍTULO, ABERTURA E VOCAÇÃO PROFÉTICA DO APOCALIPSE

[O CAPÍTULO 1]

COMEÇAMOS AGORA a estudar o texto propriamente dito do Apocalipse. Como já vimos, o capítulo 1 funciona como uma introdução e está dividido em três partes: título do livro (v. 1-3); carta de abertura (v. 4-8); e vocação do profeta (v. 9-20).

TÍTULO DO LIVRO – 1.1-3

Esta seção apresenta duas subdivisões: título (v. 1-2) e bênção (v. 3).

Título (v. 1-2)

Os profetas do Antigo Testamento bem como os escritores do Novo frequentemente iniciavam seus livros com uma afirmação que caracterizava o conteúdo dos textos (Ex: “*Visão de Isaías*” - Is 1.1; “*Palavras de Jeremias*” - Jr 1.1; “*Princípio do evangelho de Jesus Cristo*” - Mc 1.1). Do mesmo modo, João apresenta seu livro como “revelação” (tradução do termo grego *apocalypsis*, de onde vem o nome do livro) que, como vimos, tem a função de fortalecer as igrejas da Ásia Menor.

Além disso, o livro também é caracterizado como “profecia” (v. 3), o que atribui autoridade ao escrito. Em seguida apresenta o meio pelo qual a revelação é concedida: de “Deus” para “Jesus Cristo”, dele para o “anjo”, do anjo para “João” (v. 1), e deste para as “sete igrejas” (v. 4a).

Bênção (v. 3)

A bem-aventurança se dirige para “aquele que lê” (no texto grego a expressão está singular) e para “aqueles que ouvem”. Devemos lembrar que na Antiguidade os livros, ou melhor, os rolos de papiro ou pergaminho eram raros, e as igrejas, seguindo a prática das sinagogas, após receber os rolos (com cópias dos escritos de João, Paulo, Pedro etc.), os liam em público. Era dessa forma que os cristãos tomavam conhecimento de sua mensagem. Dificilmente alguém possuía uma cópia particular. Por isso a bênção vem sobre aquele que lê publicamente e sobre a igreja que se reúne para ouvir. Temos, portanto, a informação de que o Apocalipse tinha como objetivo primordial ser “ouvido”. Lembre-se, entretanto, que a bem-aventurança recai sobre aqueles que “guardam” (com o sentido de “observar”, “viver”) o que ouvem, e não no mero ato de ouvir a leitura do livro.

CARTA DE ABERTURA - V. 4-8

Esta carta está dividida em duas partes: saudação (v. 4-5a), e uma tríplice expressão de louvor (v. 5b-8).

Saudação (v. 4-5a)

Apresenta o “remetente” (João - v. 4) e os “destinatários” (as sete igrejas - v. 4). A saudação é apresentada com os termos “graça” e “paz” (termos gregos *charis* e *eirene*, respectivamente). O primeiro é caracteristicamente cristão, lembrando a graça vinda aos homens através de Jesus Cristo, possibilitando salvação (Ef 2.8) e constituindo-se na base sobre a qual a vida cristã se edifica (Rm 5.2). O segundo termo provém do judaísmo, sendo a tradução da palavra hebraica *shalom*, que implica em algo mais profundo do que o desejo de paz, entendido

como ausência de problemas ou conflitos, constituindo-se, pelo contrário, em uma expectativa de que a bênção de Deus se manifeste na vida física, espiritual e material, ou seja, de forma integral sobre toda a vida. No período em que o livro foi escrito, tal saudação já era uma característica dos demais escritores do Novo Testamento (cf. Ef 1.2; Cl 1.2; 1Pe 1.2). Quem envia a saudação não é João, visto que ele é apenas um instrumento que recebe a revelação e a registra. A saudação é enviada pela “Trindade”.

Deus: “aquele que é, que era e que há de vir” (v. 4). O pano de fundo de tal expressão é Ex 3.14 - Deus é o eternamente “Eu Sou”. Mas a ênfase tanto em Êxodo quanto no v. 4 não está na eternidade de Deus e sim em sua “ação”. Ao registrar que Deus “era, é, e virá”, o escritor quer enfatizar que ele tem atuado em toda a História e a levará a cabo com a vinda de seu filho Jesus Cristo. É importante notar que a tradicional segunda vinda de “Jesus” é vista aqui como a vinda de “Deus”. Talvez com isso coloca-se a ênfase em seu desejo de julgar aqueles que perseguem a igreja, visto que ele é o vingador de seu povo (cf. Rm 12.19: “[...] não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira [de Deus]; porque está escrito: a mim me pertence a vingança; eu é que retribuirei, diz o Senhor”).

Espírito Santo: “sete Espíritos” (v. 4). Modo diferente de falar do Espírito Santo! O número sete, altamente simbólico, representa totalidade, plenitude. Por conseguinte, o Espírito Santo é Deus pleno em nada inferior ao Pai. O número sete também pode indicar que o Espírito está ativo nas “sete igrejas”. Ou seja, ele está atuando em todas as igrejas onde se invoca a Trindade.

Jesus Cristo (v. 5a). Os termos que qualificam Jesus são relevantes para os ouvintes. “Fiel testemunha” apresenta Jesus como companheiro daqueles que estavam sendo mortos por causa do testemunho de seu nome (6.9). Jesus também testemunhou a verdade de Deus e igualmente foi morto por essa razão pelos romanos (Jo 18.33-19.16; 1Tm 6.13). A palavra “testemunha” traduz o grego *martus*, do qual vem a palavra “mártir”. Nessa época a palavra já estava assumindo um sentido “técnico”. Muitas vezes o testemunho de Jesus levava ao

martírio. Da mesma forma, todo cristão é chamado, se necessário, a viver essa dimensão do testemunho cristão. “Primogênito dos mortos” manifesta a ligação entre aqueles que morreram e Jesus Cristo ressuscitado. A morte não é o fim! Assim como Jesus ressuscitou, todos que professam seu nome também ressuscitarão. Essa mensagem é de grande valor para aqueles que estavam sofrendo ou iriam passar por sofrimentos. Além disso, tais palavras nos lembram que o final já chegou, uma vez que a ressurreição é um dos sinais dos novos tempos. A ressurreição de Jesus ao mesmo tempo antecipa e introduz esse tempo escatológico. “Soberano dos reis da terra” aponta para aquele que realmente é o Senhor deste mundo. Não era o Império Romano, nem foi nem será um poder humano, institucional ou governamental. Jesus é o soberano sobre todos eles.

Tríplice expressão de louvor (v. 5b-8)

Ela é composta por: uma doxologia (v. 5b-6), uma profecia (v. 7) e uma autoproclamação da parte de Deus (v. 8).

Doxologia (v. 5b-6). Jesus é exaltado pelos seus poderosos atos de salvação. O louvor exerce a função de indicar que ele agiu por “amor” aos cristãos e não por serem merecedores de sua graça. O escritor afirma que Jesus “perdoou nossos pecados”, e que se não fosse tal ação aqueles cristãos (e nós também!) seriam tão maus quanto aqueles romanos que estavam começando a perseguir-los e a matá-los. A doxologia também apresenta o status dos cristãos como salvos: compõem “um reino” (singular) onde só pode haver um único rei – Jesus, sendo todos os demais meros servos; são “sacerdotes” (plural) com a responsabilidade de ministrar em favor uns dos outros e do mundo perdido. As últimas palavras da doxologia constituem uma expressão tradicional de louvor encerrando com um “amém” que deve ser declarado por todos como sinal de concordância. Possivelmente esta última frase tem caráter litúrgico, pressupondo a leitura em público e o amém dito em uníssono.

Profecia (v. 7). João introduz uma afirmação solene declarando a vinda visível e gloriosa de Jesus Cristo. A ênfase recai sobre os que o

“transpassaram” (crucificaram) e sobre os povos que não quiseram reconhecê-lo enquanto puderam. Estes se “lamentarão”, porque quando da manifestação final de Jesus Cristo não terão mais chance de se arrependerem de seus pecados.

Autoproclamação da parte de Deus (v. 8). Temos aqui uma palavra oriunda diretamente de Deus. O escritor repete termos do v. 4 (“é, era e há de vir”), enfatizando ainda mais a eternidade e o domínio de Deus sobre todas as coisas (“alfa e ômega”, primeira e última letras do alfabeto grego), e conclui com a declaração de que ele é “Todo-poderoso”. Essas palavras produziram segurança àqueles que serviam a Deus. Ele mesmo assegura ao seu povo o domínio sobre toda e qualquer situação.

VOCAÇÃO DO PROFETA - V. 9-20

Neste ponto temos o chamado de João dividido em quatro itens: contexto (v. 9); audição (v. 10-11); visão (v. 12-16); e comissão (v. 17-20).

Contexto (v. 9)

Embora a vocação de João seja descrita em termos semelhantes a dos profetas no Antigo Testamento, ele não é apenas um profeta. Ele é também um “sofredor” por causa do testemunho de Jesus. João é um irmão e um companheiro na “tribulação” de outros cristãos que, como ele, sofriam por sua fé em Cristo. Por esse motivo ele está na ilha de Patmos, situada próxima da cidade portuária de Éfeso, na Ásia Menor. Embora alguns comentaristas sugeriram que a ilha era uma colônia penal, e que João fora enviado para lá sob condenação do estado romano, não há evidências concretas para tal afirmação. Não se sabe exatamente o que levou João para Patmos. Pode-se dizer com certeza apenas o que afirma o texto: que ele se encontra ali em virtude de seu testemunho cristão.

Audição (v. 10-11)

João ouve uma “grande voz”. A voz da parte do Senhor é uma característica do chamado profético (Cf. Jr. 1.4: “A mim me veio, pois, a palavra

do Senhor [...]; e Ez 1.2-3). Deus interfere na vida de João ordenando que, após registrar o conteúdo da visão, a envie às sete igrejas.

Visão (v. 12-16)

Após a audição João recebe uma visão. Ele vê “sete candeeiros de ouro” (v. 12. Eles representam as sete igrejas - v. 20).

No meio dos candeeiros está um “semelhante a filho de homem” (v. 13. Imagem provinda de Dn 7.13, que apresenta a vinda do Messias em poder). As “vestes talares” (= manto comprido) são roupas que caracterizam Jesus como sacerdote (cf. Ex 28.4), enquanto a “cinta de ouro” era uma peça usada provavelmente pelo rei. Aqui temos combinados os aspectos messiânico, sacerdotal e real de Jesus Cristo.

A “cabeça e cabelos brancos como a lã” são símbolos da eternidade de Jesus (v. 14. Descrição originária de Dn 7.9 onde Deus é apresentado como um “ancião” que tem os “cabelos brancos”. Isso significa que, como ancião, ele é o mais velho de todos, é eterno). Os “olhos como chama de fogo” lembram a aparência do anjo em Dn 10.6. Este versículo descreve Jesus como eterno, mas também como aquele que se comunica com os seres humanos em seu contexto histórico.

Os pés “semelhantes ao bronze polido” e a voz “como de muitas águas” (v. 15) provêm novamente de Dn 10.6, texto que relata o aparecimento do anjo a Daniel. Temos aqui a ênfase em Jesus como aquele que se comunica com as igrejas.

As “sete estrelas” (v. 16) são os anjos das sete igrejas (v. 20). A “espada de dois gumes” é a arma messiânica (Is 11.4) com a qual Jesus destruirá seus inimigos. Ela sai de sua “boca”, sendo, portanto, sua palavra (cf. Hb 4.12). O “brilho do rosto” refere-se ao aspecto glorificado de Jesus Cristo conforme se manifestou antecipadamente aos discípulos no monte da transfiguração (cf. Mt 17.2).

Esta visão apresenta aspectos do poder de Jesus Cristo vinculados ao seu senhorio sobre o mundo, sobre sua Igreja e, em particular, sobre as sete igrejas da Ásia. Vários desses aspectos voltarão a ser mencionados nas cartas às igrejas (capítulos 2 e 3).

Comissão (v. 17-20)

Como acontece com frequência com os profetas, a visão é seguida pelo comissionamento para uma missão específica (Cf. Is 6.8: “Depois disto, ouvi a voz do Senhor, que dizia: A quem enviarei, e quem há de ir por nós? Disse eu: eis-me aqui, envia-me a mim”). Diante de seu temor, João recebe uma palavra de segurança de Jesus (v. 17), com ênfase sobre seu poder pós-ressurreição (“estive morto, mas eis que estou vivo” - v. 18). Novamente ele recebe a ordem para “escrever” o que vê e o que irá acontecer (v. 19). Esta ordem fora dada anteriormente (v. 11), mas não havia nada para ser escrito naquele momento. Agora a situação é outra. João recebeu uma visão e ela continuará. Sua missão é registrar tudo o que será mostrado a ele e enviar às igrejas (v. 19 e v. 11). No v. 20 Jesus fornece uma interpretação acerca de elementos da visão anterior. Os sete candelários (v. 13) são as “sete igrejas”, enquanto que as sete estrelas (v. 16) são “os anjos das sete igrejas”.

RESUMO

O primeiro capítulo do Apocalipse exerce uma função muito importante como introdução ao livro. Ele fornece o título (revelação, profecia), impedindo que os leitores se equivoquem em sua interpretação; apresenta uma carta de abertura (v. 4-8), onde o remetente e os destinatários são identificados, dando a conhecer, dessa forma, o contexto histórico e religioso nos quais o livro está inserido; e indica a autoridade com a qual João escreve: ele foi vocacionado para escrever (v. 12-20). Estas informações são fundamentais para o entendimento do que vem em seguida.

OS DESTINATÁRIOS DO APOCALIPSE: AS SETE IGREJAS DA ÁSIA

[OS CAPÍTULOS 2 E 3]

VIMOS QUE O CAPÍTULO 1, como Introdução ao livro, apresenta o título, uma carta de abertura e a vocação de João. Agora nos deteremos *nos destinatários* do livro: as sete igrejas das Ásia Menor (cp. 2 e 3).

AS SETE IGREJAS DA ÁSIA MENOR

O leitor da Bíblia conhece a Ásia Menor principalmente a partir do livro de Atos dos Apóstolos que narra as viagens do apóstolo Paulo pela região fundando igrejas e, posteriormente, pelas cartas que ele envia a elas. Apreende-se desses textos o contexto histórico de criação de comunidades cristãs bem como toma-se conhecimento de diversos problemas pelos quais passavam. Algumas igrejas citadas em Atos e que recebem correspondência paulina não estão incluídas no Apocalipse, como a de Colossos; por outro lado, há aquelas que são mencionadas no Apocalipse, mas que não são citadas em Atos e nem por Paulo, como Pérgamo, Tiatira, Sardes e Filadélfia.

As sete igrejas representam, portanto, uma seleção dentre as igrejas existentes na região. Isso nos leva a pensar sobre a razão da escolha. Um princípio seria o fato de todas estarem conectadas por estradas romanas e distarem em torno de 55 quilômetros umas das outras. Essa proximidade geográfica era importante para as visitas apostólicas e para a troca de correspondência.

Outra razão está no fato de que cada uma dessas cidades possuía uma corte romana, diante das quais os membros das igrejas poderiam enfrentar problemas mais acentuados do que os cristãos que viviam em cidades destituídas de tais cortes. Nas três primeiras cidades (Éfeso, Esmirna e Pérgamo) havia também templos dedicados a César onde a população oferecia sacrifícios ao monarca como se fosse um deus.

Além disso, o número sete é muito significativo por indicar totalidade. A expressão “cartas para sete igrejas” poderia representar uma correspondência que visava, além das sete igrejas nomeadas, todas as igrejas existentes naquele período. Nesse caso, o Apocalipse teria se tornado um livro que desde sua escrita deveria circular entre as comunidades cristãs em geral.

QUEM SÃO OS “ANJOS” DAS IGREJAS?

Este é um problema de difícil resolução. As cartas são endereçadas ao “anjo” (*angelos* em grego) de cada igreja (2.1,8,12,18; 3.1,7,14). Quem são eles?

Se entendermos anjo como “ser celestial”, teremos algumas dificuldades para compreender alguns dados das cartas. A primeira relaciona-se ao fato de que a revelação contida no livro do Apocalipse passa por vários intermediários até chegar a João. Ela é concedida por Deus a Jesus, e este, por sua vez, incumbe um “anjo” de entregá-la a João (1.1). É o anjo, como último emissário, que traz a revelação ao profeta. Neste caso ele poderia ser entendido como um ser celeste. Já nas cartas as posições se invertem: nelas “João” é comissionado por Jesus para escrever ao anjo (1.19 e 2.1 etc). Como entender que João envie cartas para anjos? Por que eles precisam de cartas remetidas por Jesus se estão na presença de Deus (5.11)?

Outro problema é que as cartas são escritas “para os anjos”, e somente através deles chegam às igrejas. Nota-se isso quando são utilizados adjetivos “masculinos” que, portanto, dizem respeito ao “anjo” e não à “igreja” (feminino). Por exemplo: “rico” (2.9), “morto” (3.1), “frio” e “morno” (3.15). Isso que dizer que as palavras de louvor e as advertências de Jesus dirigem-se a eles e não às comunidades cristãs. Mas, então, como podemos compreender que os anjos devam “arrepender-se” (2.1,16; 3.3,19)? Ou então que um deles tenha “abandonado o primeiro amor” (2.4)? Essa é uma linguagem comum a seres humanos e não a entidades celestiais.

Creio que a resposta está em outra direção. A palavra “anjo” significa literalmente “mensageiro”, podendo ser um mensageiro celeste, ou seja, um anjo, ou um mensageiro humano. Neste último caso o mensageiro pode ser uma pessoa comum (Lc 9.52) ou um profeta (Ag 1.13). Portanto, penso que os “anjos” das igrejas, diferentemente daquele que traz a revelação a João, seriam profetas líderes nas comunidades (Ap 22.6) que receberiam de Deus a mensagem e que deveriam transmiti-la às suas igrejas. Eles seriam responsáveis pelo andamento de suas comunidades, tanto positiva, quanto negativamente.

A ESTRUTURA DAS SETE CARTAS

Todas as cartas têm a mesma estrutura com em sete pontos:

1. Todas elas são dirigidas ao “anjo da igreja” (2.1,8,12,18; 3.1,7,14).
2. Todas se apresentam como palavra de Jesus: “Estas coisas diz [...]” (2.1,8,12,18; 3.1,7,14).
3. Em cada carta, Jesus recebe um título (2.1,8,12,18; 3.1,7,14). Quase todos os títulos vêm da visão que João recebeu a respeito de Jesus (1.12-20).
4. Em todas as cartas Jesus começa afirmando: “Conheço [...]”, e descreve as qualidades positivas da comunidade (2.2-3,9,13,19; 3.8). Exceção feita à igreja de Laodiceia que não apresenta nada de positivo. Ela “não é fria nem quente” (3.15).
5. Jesus descreve o que cada comunidade possui de negativo e faz advertências (2.4-6,14-16,20-25; 3.2-3,15-19). Duas comunidades

não apresentam nenhum aspecto negativo: Esmirna e Filadélfia. Elas são exortadas por Jesus a perseverarem (2.10; 3.11). Na comunidade de Sardes, o elemento negativo destaca-se mais do que o positivo (3.4). Por isso, ao tratar dela a ordem é invertida.

6. Todas elas recebem o aviso final: “Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas” (2.7,11,17,29; 3.6,13,22).
7. Todas elas terminam com uma promessa ao vencedor (2.7,11,17,26-28; 3.5,12,21)¹.

CONFLITOS NAS IGREJAS

São basicamente de três tipos:

Pressões sofridas tanto de pagãos (1.9; 2.13) quanto de judeus (2.9; 3.9)

Tal problema ocorria em virtude dos cristãos pertencerem a uma religião minoritária com costumes estranhos segundo os romanos (Santa Ceia, por exemplo) e acusada de ser ateia (por não cultuarem uma diversidade de deuses e não reverenciarem suas imagens).

As dificuldades com os judeus surgiram quando, após a destruição do templo em Jerusalém (70 d.C.) os cristãos foram expulsos das sinagogas. Nelas, a partir desse momento, eram pronunciadas maldições contra os seguidores de Jesus. Para o Cristo, essa era uma “blasfêmia” que se fazia contra seu povo (2.9). A sinagoga onde tais práticas se davam era, na realidade, “sinagoga de Satanás” (2.9).

Os judeus não apenas expulsavam os cristãos das sinagogas como os denunciavam às autoridades romanas. Estas, por sua vez, acatando as acusações, possivelmente sob a alegação de que os cristãos eram “contrários ao imperador”, começavam a prendê-los (2.10) e até a matar alguns (2.13). A morte de Antipas, em particular, é significativa por ter acontecido em Pérgamo, cidade onde estava o “trono de Satanás” (2.13). A cidade era a sede do governo imperial na Ásia e o centro do culto ao imperador, possuindo o mais antigo templo dedicado a essa

1. Estes sete pontos foram extraídos do livro de Carlos Mesters: *Esperança de um povo que luta. O Apocalipse de São João. Uma chave de leitura*. 7. ed. São Paulo: Paulus. p. 43-44.

prática na região. Convém salientar que a prisão e morte de cristãos não era uma prática difundida por todo o império, mas limitada a algumas cidades da Ásia, como Pérgamo.

Problemas internos com falsos mestres (2.2 - apóstolos; 2.6,15 - nicolaítas; 2.14 - os que seguiam os ensinamentos de Balaão; 2.20-23 - a profetiza Jezabel)

Os “falsos apóstolos” (2.2) eram pregadores itinerantes que viajavam pregando nas igrejas falsos ensinamentos. Os “nicolaítas” (2.6,15) estão associados com os “seguidores de Balaão” (2.14,15) e estes, por sua vez, com a “profetiza Jezabel” (2.20), visto que todos eles comiam alimentos sacrificados aos ídolos e praticavam a prostituição.

Os “nicolaítas” eram partidários de um pensamento gnóstico que enfatizava os elementos espirituais em detrimento dos materiais. A consequência era uma permissividade ética. Para eles, não havia problema em participar das ceias oferecidas aos deuses ou então de se envolverem em prostituição, visto que com isso somente o “corpo” era atingido. “Balaão” é lembrado por ter levado o povo de Israel a cultuar deuses estranhos (cf. Nm 31.16 e 25.1-2), enquanto “Jezabel” ficou conhecida por ter introduzido o culto a outros deuses em Israel e por patrocinar seus profetas (1Rs 18.19). Os dois últimos certamente são referências simbólicas a pessoas que, juntamente com os nicolaítas, estavam trazendo às igrejas um baixo padrão moral que considerava não haver mal algum em se alimentar dos sacrifícios aos ídolos, em cultuar o imperador, e na prática da prostituição. Na realidade, estava havendo uma acomodação aos padrões morais e culturais dos pagãos. Essa não era uma questão apenas “religiosa”, mas “econômica”, visto que a carne sacrificada a ídolos era servida em jantares de negócios e em recepções particulares que compunham a vida profissional e social das pessoas da época. Participar ou não desses eventos poderia decidir se a vida profissional seria bem ou mal sucedida.

Para os cristãos que as praticavam, João era “radical” ao exigir o abandono delas. Para ele, entretanto, tratava-se de uma questão de vivência do discipulado e do compromisso prático com Jesus Cristo.

Problema com a frieza espiritual (2.4 - abandono do primeiro amor; 3.4 - contaminação; 3.15 - perda de zelo)

Esta questão relaciona-se diretamente com a pessoa de Jesus Cristo. Mesmo que uma igreja combata as heresias, como a de Éfeso (2.2,6), isso não substitui a ligação íntima com seu Senhor, apenas a complementa. Tal relação, sintetizada na expressão: “conservar o nome de Jesus”, é que produz coragem para que se morra por ele (2.13). É o amor abnegado a Jesus que leva à comunhão com ele e à prática de uma vida transformada. Quando isso não acontece, a frieza assume o lugar do amor, e a autossuficiência, que coloca Jesus à parte da vida, se manifesta (3.15-17,20). Por irônico que pareça, a certeza e o orgulho pela comunhão com Jesus Cristo tornam-se sinais de que tal comunhão inexistente. Para que semelhante quadro se altere é necessário que o chamado ao “arrepentimento” seja ouvido e, principalmente, atendido (2.5,16; 3.3,19).

RESUMO

Analisar as sete igrejas e seus conflitos é muito importante para que se contemple o quadro correto dos motivos que levaram o Apocalipse a ser escrito. Nele temos um misto de igrejas que passam por dificuldades, mas que estão se mantendo fiéis, e igrejas que não têm conseguido discernir as exigências da vida cristã para sua geração. Tal situação não é diferente hoje. O problema principal para nós, semelhante ao das igrejas da Ásia, é o da *assimilação*. Cada geração é chamada a refletir sobre sua conduta diante desse desafio. Assimilaremos acriticamente elementos da sociedade, correndo o risco de sincretismo, ou nos fecharemos totalmente, podendo nos tornar alienados?

A ABERTURA DOS SELOS

[OS CAPÍTULOS 4 A 7]

A PARTIR DO CAPÍTULO 4 temos seis visões que desenvolvem o paralelismo progressivo. A primeira delas está nos capítulos 4 a 7. Estes capítulos dividem-se em duas partes:

- capítulos 4 e 5 - cena de abertura no céu.
- capítulos 6 e 7 - abertura dos sete selos.

CENA DE ABERTURA NO CÉU - CP. 4 E 5

Estes dois capítulos apresentam Deus (cp. 4) e Jesus Cristo (cp. 5) como protagonistas e seguem uma estrutura paralela:

Apocalipse 4 - Deus

- a. Glória de Deus (4.2-8a)
- b. Adoração a Deus (v. 8b-11)
 - b.1. Primeiro hino (v. 8b)
 - b.2. Narrativa (v. 9-10)
 - b.3. Segundo hino (v. 11)

Apocalipse 5 - Jesus

- a. Glória do Cordeiro (5.5-7)
- b. Adoração ao Cordeiro (v. 8-12)
 - b.1. Primeiro hino (v. 9-10)
 - b.2. Narrativa (v. 11-12a)
 - b.3. Segundo hino (v. 12b).

A seção é encerrada com a adoração a Deus e a Jesus Cristo (5.13-14).

Nestes capítulos surge aquilo que é conhecido entre os especialistas como “Conselho do Senhor”. Ele é apresentado segundo o modelo das cortes orientais da Antiguidade. No caso do Apocalipse, o conselho é composto pela Trindade, pelos seres celestiais que estão diante dela, e pelos 24 anciãos (cf. outros exemplos em 1R 22.19; Jó 1.6-7). Quem são esses seres?

Começemos com os 24 anciãos (4.4). Eles não são apresentados como anjos, mas sim como seres humanos. Isso pode ser verificado por estarem sentados em tronos (cf. Mt 19.28), terem coroas em suas cabeças (a coroa é recebida pelo cristão fiel – 2.10) e trajarem vestes brancas (outra característica dos cristãos – 3.4-5). Mas, então, como identificá-los? Não há certeza quanto a isso. Talvez uma pista esteja no título “anciãos”. Ele remete aos líderes das sinagogas e das comunidades primitivas (o termo grego *presbyteros* era utilizado por ambas com o sentido de “ancião”). À vista disso, proponho que o número 24 representaria 12 tribos de Israel (= povo da Antiga Aliança) mais 12 apóstolos (= povo da Nova Aliança), simbolizando o povo de Deus de todas as épocas. Outra possibilidade é que o número 24 represente os escritores dos livros do Antigo Testamento (algumas listas do cânon judaico trazem 24 livros). Estes escritores, por sua importância, estariam ao redor do trono de Deus. Não há, entretanto, como chegar a uma definição exata.

Os seres viventes (4.6-8a) são apresentados tendo como pano de fundo os livros proféticos de Ezequiel e Isaías. Tais seres aparecem em Ezequiel 1.5,10 e em 10.20 são descritos como “querubins”. Já Isaías fornece um fragmento da imagem ao afirmar que os seres que possuem seis asas são “serafins” (comparar Is 6.2 com Ap 4.8a) e apresentar o cântico deles (comparar Is 6.3 com Ap 4.8b). Portanto, os seres viventes são “querubins” em Ezequiel e “serafins” em Isaías. Pelo nível de detalhes, eles estão mais próximos dos querubins do que dos serafins.

Os seres celestiais, por sua vez, representam a criação no Apocalipse, visto que um deles é semelhante ao “leão” (correspondendo aos animais selvagens), outro ao “novilho” (indicando os animais

domésticos), o terceiro ao “homem” (seres humanos), e o último à “águia” (pássaros). Como representantes da criação os seres louvam a Deus (v. 8b).

Último elemento na visão do Conselho do Senhor é a presença de um trono e de “alguém” sentado nele (4.2). Essa figura misteriosa é revelada em 4.11 por intermédio do cântico dos 24 anciãos: “Tu és digno, *Senhor e Deus* nosso [...]. Portanto, é Deus que se assenta no trono. Ele não é descrito em termos antropomórficos como em outros textos, principalmente do Antigo Testamento, mas por meio de duas pedras preciosas (v. 3). “Jaspe”, a primeira, é uma pedra transparente; e o “sardônio” é vermelho, faiscante. Possivelmente a descrição quer enfatizar o aspecto precioso e glorioso de Deus em seu trono. Já o “arco-íris” indica que no trono não há apenas poder, mas misericórdia, visto que ele é símbolo do pacto amoroso de Deus com o ser humano (Gn 9.8-15). Temos no trono, portanto, um Deus que é glorioso e misericordioso ao mesmo tempo.

Na segunda parte da Cena de abertura no céu, capítulo 5, vemos um “livro” selado com sete selos e que está nas mãos de Deus (v. 1). Este é o livro que descreve o domínio de Deus sobre todas as coisas, bem como proclama a libertação do seu povo e a punição daqueles que se voltam contra a igreja e seu Senhor. Portanto, tudo o que ocorre no Apocalipse está registrado no livro. É o livro da História, mas não apenas isso, é o livro que narra o fim da História e o início da eternidade.

Os “sete selos” que mantêm o livro fechado (possivelmente um pergaminho ou um papiro enrolado) e que são abertos no decorrer dos capítulos 6 e 8 não fazem parte do conteúdo do livro, mas constituem-se em uma preliminar à abertura do mesmo. Essa forma de escrita visa criar expectativa no leitor. Mediante uma demora narrativa, a abertura de selo após selo retarda o desvelamento de eventos mais importantes que se seguirão.

Diante da pergunta do anjo: “Quem é digno de abrir o livro e de lhe desatar os selos? (5.2), e da constatação de que ninguém em nenhuma parte do universo é capaz de fazê-lo (v. 3), João chora copiosamente (v. 4).

Afinal, se o livro não pode se aberto, então não é possível acalentar qualquer certeza quanto ao futuro.

Nesse momento surge um dos anciãos apresentando aquele que pode solucionar o problema. João é consolado por ele: “Não chores; eis que o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, venceu para abrir o livro e os seus sete selos” (v. 5). Tais designações se referem a Jesus Cristo (cf. “leão da tribo de Judá” com Gn 49.9-10 que discorre sobre o reinado provindo da tribo de Judá, tribo de origem de Jesus; e cf. “raiz de Davi” com Is 11.1 que afirma que o Messias viria da família do rei Davi, ancestral de Jesus). Essas duas descrições mostram Jesus em seu caráter real e vencedor.

Apenas no v. 6 João contempla Jesus. Ele é apresentado como “Cordeiro como tinha sido morto”, que demonstra o caráter sacrificial de sua obra (Jesus é o cordeiro de Deus que morre para tirar o pecado do mundo. Cf. Jo 1.29). Esse aspecto é enfatizado nos dois cânticos que citam a morte de Jesus e a abertura dos selos. O primeiro dá destaque à morte de Jesus como o meio pelo qual comprou para Deus os seres humanos, podendo, portanto, dirigir seus destinos (v. 9). O segundo cântico enfatiza a honra e o louvor merecidos por Jesus em virtude de sua morte (v. 12). É provável que essa apresentação de Jesus Cristo como aquele que vence por intermédio da morte tenha como objetivo estimular os cristãos a, igualmente, perseverarem diante do sofrimento e da morte (2.10).

Finalmente, Jesus toma o livro em suas mãos (v. 8) e no capítulo 6 inicia a abertura dos selos. É importante notar que a visão do trono de Deus e de Jesus representa o *passado* (desenvolvendo o paralelismo progressivo. Cf. o capítulo: Que livro é esse?), o momento da exaltação do Filho de Deus à direita do Pai por intermédio da ressurreição e da posse de seu domínio sobre todo o universo.

A visão do Conselho do Senhor nos capítulos 4 e 5 tem como objetivo gerar confiança e força para os cristãos diante dos problemas que estão se manifestando e que ainda virão. Eles, mesmo sendo seguidores de Jesus, não estariam livres de pagar o preço pela sua fé. Era importante, no entanto, saber que em última instância Deus estava

controlando a situação e que Jesus traria consolo a eles e punição aos seus perseguidores.

ABERTURA DOS SETE SELOS - CP. 6 E 7

Como mencionei acima, os selos não apresentam o conteúdo do livro, sendo antes antecipações a ele. Os quatro primeiros constituem um bloco a partir da unidade de estrutura que gira em torno dos cavaleiros, enquanto o quinto trata especificamente da igreja, o sexto apresenta a segunda vinda de Jesus, e o sétimo selo está separado dos anteriores, sendo introduzido apenas no capítulo 8.

O primeiro selo traz à cena um cavaleiro que carrega um “arco” (6.2). Ele representa os temidos soldados “partos”, os únicos arqueiros montados na época. A Pártia estava situada a leste da Palestina e era um dos poucos povos que não haviam sido subjugados por Roma no Oriente. Este cavaleiro simboliza, portanto, guerras e conquistas que ameaçavam os domínios do Império Romano.

A abertura do segundo selo traz um cavaleiro que, por ter como tarefa tirar a paz da terra e fazer com que os seres humanos se matem (v. 3-4), simboliza os conflitos e as guerras entre os povos em geral.

Com a abertura do terceiro selo surge um cavaleiro simbolizando a escassez (v. 5-6). Ele carrega uma balança para pesar cereais. “Uma medida de trigo” correspondia à alimentação diária de uma pessoa. “Um denário” era o salário de um dia de trabalho. Portanto, indica-se aqui que os tempos são difíceis, visto que o dinheiro de uma diária é suficiente apenas para prover a alimentação de uma pessoa. A cevada, mais barata, era o alimento dos pobres. A possibilidade de comprar três medidas indica que com ela poder-se-ia alimentar a família. A crise econômica está em foco aqui.

O quarto selo introduz um cavaleiro (v. 7-8) que parece ser uma síntese dos dois anteriores. Ele traz a morte pela “espada”, mesma arma utilizada pelo segundo cavaleiro para promover a guerra. A morte pela “fome” é uma derivação mais intensa da escassez do v. 6.

O quinto selo (v. 9-11) apresenta os cristãos que têm sido mortos. Eles estão com Deus, sob seu altar (v. 9). O Apocalipse até este

momento mencionou a morte de apenas um cristão, Antipas, em Pérgamo (2.13), e também apresentou a possibilidade de que um discípulo venha a morrer em nome de Jesus (2.10). Mas a abertura deste selo revela que vários seguidores de Jesus já foram mortos “por causa do testemunho que sustentavam” (v. 9). Possivelmente João vê o que acontece no presente e em um futuro próximo. Em outras palavras, o selo inclui aqueles que seriam mortos em uma perseguição que estava prestes a ocorrer. A revelação de que eles clamam para que Deus vingue suas mortes é incomum.

A Bíblia normalmente não entra em detalhes a respeito do céu e da eternidade. Talvez, por isso mesmo, tem-se a ideia de céu como um lugar silencioso, quase um quadro imutável. A visão do Conselho do Senhor, com a descrição de vozes, cores e sons já demonstrou que não é bem assim. O quinto selo acrescenta o fato de que os cristãos que estão diante de Deus possuem consciência histórica, têm conhecimento da espécie de morte que lhes sobreveio e mais, clamam para que Deus intervenha na História punindo seus assassinos (v. 10).

O sexto selo (v. 12-17) descreve a segunda vinda de Jesus Cristo. Isso pode ser observado através dos sinais escatológicos como terremoto, sol tornando-se negro, a lua como sangue, estrelas caindo do céu, e o céu se enrolando como um pergaminho (v. 12-14) e pela referência ao “dia da ira” (v. 17), termo vétero-testamentário que significa o dia da vinda de Deus para julgamento. Diante desses sinais, diversas categorias de seres humanos, com predominância daqueles em posição de destaque (reis da terra, os grandes, os comandantes, os ricos, os poderosos) sentem-se atemorizadas, porque esse dia será um dia de ira contra eles (v. 17). Provavelmente entre essas pessoas estarão aqueles que assassinaram os cristãos descritos no quinto selo. Desse modo, se cumpre o clamor dos mártires por vingança (v. 10).

Mas qual o sentido desses selos? Eles simbolizam a presença do mal, pecado e sofrimento no mundo, durante todas as épocas, atingindo todas as pessoas, sejam elas cristãs ou não até o fim dos tempos, quando Jesus Cristo voltará. Isso pode ser constatado por intermédio da comparação dos selos com Mt 24, conhecido como pequeno

apocalipse. O segundo, terceiro e quarto selos estão relacionados com Mt 24.6-8 (guerra e rumores de guerras, se levantará nação contra nação, reino contra reino, haverá fome); o quinto selo liga-se a Mt 24.9-13 (sereis atribulados e vos matarão. Sereis odiados de todas as nações); e o sexto selo tem conexão com Mt 24.29-31 (o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do firmamento, os poderes do céu serão abalados, todos os povos da terra se lamentarão).

É importante frisar que Mat 24 não apresenta “sinais” antecipatórios da vinda de Jesus. Pelo contrário, seu objetivo é esclarecer que tais acontecimentos não representam o fim (24.6b – “mas ainda não é o fim”; e v. 8 – “tudo isto é o princípio das dores”). O mesmo se dá com os selos do Apocalipse. Eles mostram que os cristãos estão sujeitos a sofrimentos dentro do mundo como qualquer ser humano e que tais tribulações não evidenciam a chegada do juízo de Deus à terra. Tais circunstâncias, definidas como selos, não são o “conteúdo” do livro, mas apenas um dado preliminar.

Nesse contexto, tornam-se muito importantes as visões dos capítulos 4 e 5. Se os cristãos devem passar por sofrimentos, é necessário que tenham consciência de que, apesar dessas lutas, Jesus está dirigindo os destinos do mundo e proverá forças aos seus seguidores para vencer.

Antes que o sétimo selo seja aberto, temos o capítulo 7. Ele introduz um interlúdio para a abertura do último selo. Tal estratégia acrescenta um caráter dramático ao texto. O leitor deve aguardar mais um pouco para que o sétimo selo seja aberto e, finalmente, possa conhecer o conteúdo do livro.

O capítulo 7 não está ligado cronologicamente ao capítulo 6, como se depois da segunda vinda de Jesus Cristo ocorressem os fatos nele descritos. Pelo contrário, um anjo clama aos demais para que não danifiquem o planeta até que os servos de Deus sejam selados (v. 2-3). É impossível falar em danos ao planeta após o retorno do Messias!

Temos no capítulo 7 duas cenas: uma na terra (v. 1-8), e outra no céu (v. 9-17), esquema recorrente no Apocalipse. Na primeira, vemos os cristãos selados (v. 3-4), o que significa que eles recebem a marca de Deus, sendo possessão dele. Isso lhes dá garantia de que

Deus os guardará durante o período de sofrimento e perseguição. O número “cento e quarenta e quatro mil de todas as tribos de Israel” (v. 4) indica, por um lado, um recenseamento feito pelo próprio Deus, mostrando que conhece exatamente aqueles que são seus. Por outro, são contabilizados doze mil de cada uma das 12 tribos de Israel (v. 5-8). O número 12 é simbólico, representando totalidade. Já vimos esse elemento na interpretação dos 24 anciãos (4.4), entendidos como a somatória de 12 tribos de Israel mais 12 discípulos, isto é, o povo de Deus do Antigo e do Novo Testamento. No capítulo 7 o número 12 representa a totalidade do povo de Deus. Não falta ninguém! Esse Israel é o “Israel espiritual” (Gl 6.16; Tg 1.1), a Igreja. Mesmo que ela sofra, Deus a guarda.

Na segunda cena (v. 9-17) vemos a Igreja no céu. Os cristãos estão “diante do trono e do Cordeiro” (v. 9). São, especialmente, aqueles que morrem por seu testemunho (comparar v. 14 com 6.9). Para eles o sofrimento chega ao fim quando se encontram com Jesus. Seu Senhor lhes sacia a fome, a sede, os livra do sol ardente, lhes dá a água da vida e lhes enxuga as lágrimas (comparar v. 16-17 com 21.4). Esta é uma imagem de consolo, principalmente para as igrejas da Ásia Menor, onde alguns cristãos já haviam morrido e outros estavam para seguir o mesmo caminho em virtude da fé em Cristo.

RESUMO

Deus está no controle de todas as coisas! Jesus tem o domínio sobre a História. Mesmo que o cristão passe por tribulações, sofrimentos e perseguições, o Senhor o conhece pessoalmente. Isso deve fazer toda a diferença!

O TOQUE DAS SETE TROMBETAS

[OS CAPÍTULOS 8 A 11]

QUANDO ESPERAMOS que o sétimo selo seja aberto durante a leitura do capítulo 6, somos surpreendidos com um interlúdio no capítulo 7. Somente depois da descrição de duas cenas, uma terrestre e outra celeste, o autor descreve a abertura do último selo. Mas, trazendo uma nova surpresa, o rompimento do selo não conduz à revelação do conteúdo do livro – a segunda vinda de Jesus Cristo. Pelo contrário, ele introduz uma nova série de sete. Agora sete trombetas serão tocadas (cp. 8-9 e 11)! Elas são, de fato, o teor do sétimo selo. Como disse anteriormente, esse recurso retórico de retardamento da apresentação de conteúdos visa gerar suspense durante a leitura.

Com as trombetas temos um novo bloco que volta a apresentar o *paralelismo progressivo*.

Em termos cronológicos, o texto começa novamente com circunstâncias relacionadas ao *presente*, descrevendo a oração dos santos, ou seja, dos cristãos das igrejas da Ásia Menor (8.3). Tais orações, esclarece João, são recebidas por Deus em seu trono (8.4). O *futuro* é indicado

pela manifestação da ira escatológica de Deus, pelo julgamento dos mortos e pela entrega de galardões àqueles que seguiram a Jesus (11.17-18). Além disso, não existe sequência temporal entre os selos e as trombetas, visto que em 6.12 fala-se do “sol que se tornou negro”, e em 8.12 há a menção de que “um terço do sol se tornou escuro”. Se no capítulo 6 o sol já estava escuro, como, no capítulo 8, ele apresenta apenas uma terça parte sem luz? Esse simples exemplo indica que não há sucessão de tempo linear entre as duas seções.

À semelhança do bloco anterior, estes capítulos também são divididos em duas partes:

- 8.1-6: cena de abertura no céu.
- 8.7-11.19: toque das trombetas.

CENA DE ABERTURA NO CÉU – 8.1-6

A abertura do sétimo selo introduz uma cena celestial (v. 1-2). Um anjo queima incenso oferecendo, juntamente com ele, as orações dos santos (v. 3-4). Os sacrifícios no Antigo Testamento eram apresentados com incenso (Lv 16.12). A oração, vista igualmente como um sacrifício a Deus, passou a ser comparada pelos escritores bíblicos ao incenso que sobe diante de Deus (Sl 141.2). Esta cena dá certeza aos cristãos das sete igrejas de que suas orações têm chegado a Deus e que ele as responde. A resposta se manifesta quando o anjo toma fogo do altar e o lança sobre a terra (v. 5). Tal ato indica o julgamento de Deus que se dará através do toque das trombetas. É possível supor que o julgamento sobre a terra seja o cumprimento das orações dos cristãos.

O TOQUE DAS TROMBETAS – 8.7-11.19

Trombetas foram usadas para sublinhar os grandes momentos na História de Israel: para anunciar o combate (Jr 4.5); nas festas (2Sm 15.10); na cerimônias cultuais (Nm 10.10); nas teofanias (Ex 19.16s). São elas, igualmente, que anunciarão a vinda de Jesus Cristo (Mt 24.31; 1Co 15.52; 1Ts 4.16). Somos tentados a identificar as trombetas do Apocalipse com este último sentido. Porém, a análise do texto indica que essa relação não é correta. Elas não anunciam o fim, mas sim o

juízo de Deus que se manifesta na terra e sobre os homens no decorrer da História. É provável que o soar das trombetas se dê justamente para quebrar a expectativa escatológica iminente, mostrando que ainda não é o fim.

Dentro do *paralelismo progressivo*, as trombetas apresentam basicamente o mesmo tema dos selos: as catástrofes que sobrevêm à humanidade. Há, no entanto, uma diferença. Enquanto nos selos os sofrimentos se propagam de modo generalizado, sobre cristãos e não cristãos, nas trombetas eles visam aqueles que não creem (8.13 - os “que moram na terra” são os homens que têm perseguido os cristãos [cf. 6.10]; 9.4). As trombetas demonstram que, para estas pessoas, o sofrimento é especialmente duro. Diante das angústias, os cristãos são chamados à perseverança, e os incrédulos recebem uma advertência para que se arrependam (9.20-21). Por isso, a destruição não é total. Ela visa apenas a “terça parte” (8.7,8-9,10,11,12; 9.18). Aqueles, porém, que não se voltam para o Senhor serão destruídos na manifestação de Jesus (11.18b). Isso se dará com a sétima trombeta, que marca a chegada do juízo final (11.15-19).

As pragas trazidas pelas trombetas devem ser entendidas como consequência e retribuição aos pecados dos seres humanos. Somente nesse sentido é que se pode entender que a terra e a natureza sofram (8.9,11, terminologia semelhante à de Rm 8.20-22). Além disso, as trombetas têm como pano de fundo terminológico e teológico as pragas do Egito (Ex 7-12) que manifestam, de modo semelhante, o juízo de Deus sobre o Egito por não dar ouvidos à sua voz.

A primeira trombeta (8.7) representa qualquer tipo de destruição que causa dano ao planeta, uma vez que atinge o solo (melhor tradução para o termo grego *gē*, em lugar de “terra”), árvores, e toda erva verde (cf. a relação com a sétima praga em Ex 9.24-25).

A segunda trombeta (8.8-9) indica, na linguagem apocalíptica, os danos ocorridos no mar. Os seres aquáticos são atingidos, bem como o comércio marítimo – muito importante para Roma naqueles tempos – por intermédio da destruição das embarcações. Esta catástrofe

é mais contundente do que a primeira, visto que toca, mesmo que indiretamente, nos seres humanos (cf. a primeira praga em Ex 7.20-21).

A terceira trombeta (8.10-11) amplia o efeito das anteriores. Se terra e mar já foram atingidos, agora a destruição chega à água potável. As águas se tornam em “absinto”, uma planta que, por ser extremamente amarga, tornou-se sinônimo de “veneno”. Nessa trombeta os seres humanos são atingidos diretamente. Muitos deles morrem em virtude da poluição das águas.

Por intermédio das três primeiras trombetas os elementos essenciais à vida humana no planeta vão sendo atingidos sucessivamente.

A quarta trombeta (8.12-13) contém uma maior intensidade apocalíptica. Se o sol, tornando-se negro, e as estrelas, caindo, são sinais da vinda de Jesus (cf. 6.12-13), o escurecimento da terça parte do sol, da lua e das estrelas é um sinal antecipatório de que o fim está próximo. Com outros termos, é exatamente essa a mensagem trazida pela água no versículo 13.

A quinta trombeta (9.1-12) marca o início de uma nova seção. O versículo 13 do capítulo 8 funciona como uma transição entre as quatro primeiras trombetas e as três últimas. As últimas são mais intensas e terríveis do que as anteriores. A expressão “estrela que caiu do céu” (v. 1) foi usada no livro de Isaías para descrever seres vivos que agem arrogantemente (cf. Is 14.12) e aqui pode referir-se a Satanás (cf. Lc 10.18 e Ap 12.9, que descrevem Satanás caindo sobre a terra). O “abismo” é o próprio inferno, apenas em sua manifestação anterior ao juízo final (Ap 20.1,3). Os gafanhotos apresentados como “escorpiões” (9.3,10) lembram seres subordinados ao diabo (cf. a identidade entre escorpiões e o poder do inimigo em Lc 10.19), portanto, “demônios”. A imagem está clara. Enquanto as trombetas anteriores falavam de males físicos, aqui a ameaça é espiritual. É o sofrimento que o diabo e seus demônios impõem aos homens que “não têm o selo de Deus” (v. 4).

A sexta trombeta (9.13-21), como um prelúdio para a última, veicula uma terrível notícia: a morte que sobrevirá à terça parte dos seres humanos (v. 15, 18). Quatro anjos que estão junto ao rio Eufrates são liberados (v. 14). Eles lideram um exército de milhares de cavaleiros,

descritos como terríveis e ferozes (v. 16-17). A imagem lembra a oposição feita a Roma por povos do Oriente, agora colorida com tons apocalípticos. O objetivo é enfatizar a dureza de coração daqueles que, mesmo padecendo sofrimentos e morte, não se arrependem (v. 20-21).

Em seguida, à semelhança do que aconteceu com os selos, há um interlúdio que se prolonga do capítulo 10 ao 11.14. Ele aumenta a expectativa que antecede a revelação da última trombeta.

Um anjo desce do céu, coloca os pés sobre a terra e o mar (10.2) – indicando que sua proclamação atingirá todo o planeta – e afirma, mediante juramento (configurado pela mão direita levantada – v. 5-6), que “já não haverá demora” (10.6-7). Em seguida, João recebe ordem para comer o livro que está com o anjo (v. 8-10), sinal e símbolo de sua vocação profética (cf. Ez 2.8-3.3). Comer o livro implica em encher-se da revelação profética, o que é necessário em virtude de João ter muito ainda a profetizar (v. 11).

No capítulo 11 João é orientado a medir o santuário e o altar do templo (v. 1). Logicamente o templo aqui não é uma realidade física, visto que ele já havia sido destruído no ano 70 d.C. A imagem possivelmente se refere à Igreja, enquanto santuário de Deus (cf. 1Co 3.16; 2Co 6.16; Ef 2.21). Esse sentido é reforçado pelo fato de que João deverá medir também as pessoas que ali estão – “*os que* naquele [lugar] adoram”. A medição implica em “preservação”. O que não é medido é entregue aos gentios para destruição (v. 2). Temos, portanto, a reafirmação daquilo que foi dito anteriormente, que os cristãos são guardados por Deus durante o toque das trombetas.

A Igreja, protegida por Deus, é enviada a testemunhar, o que é simbolizado pelos dois profetas introduzidos na cena (11.3). Eles são caracterizados como Elias (“têm autoridade para fechar o céu, para que não chova” – v. 6a. Cf. 1 Rs 17.1) e Moisés (“Tem autoridade também sobre as águas, para convertê-las em sangue, bem como para ferir a terra com toda sorte de flagelos” – v. 6b. Cf. Ex 7.14-25 e Ex 8-10), tidos como os maiores profetas de Israel. Como a Igreja, eles também são guardados por Deus (v. 5).

Moisés e Elias devem profetizar 1.260 dias (v. 3). Esse número simboliza o período histórico entre a primeira e a segunda vinda de Jesus (cf. como tal número de dias implica o tempo em que a Igreja = mulher, após a ressurreição de Jesus = filho varão arrebatado para Deus, foge e peregrina pelo deserto em 12.3-6). A besta, que surgirá no capítulo 13 (há aqui uma evidente quebra de sequência narrativa com a ação de um personagem que surgirá mais à frente), os mata (v. 7-8) e os povos se alegram (v. 10), possivelmente por que eles profetizavam contra seus pecados. Três dias e meio depois, entretanto, as duas testemunhas ressuscitam (v. 11), como o Senhor Jesus, e sobem para o céu (v. 12). Esse é o destino da Igreja. Embora seja fortalecida por Deus para suportar os tormentos que se abatem sobre a terra, sua pregação desperta a ira dos homens e ela é perseguida. Esse quadro expressa a vivência histórica da Igreja e se repetirá até a segunda vinda de Jesus Cristo.

Por fim, temos a *sétima trombeta* (11.15-19). De modo sintético ela marca a chegada de Jesus em poder para julgar. Os seres que circundam o trono de Deus (cp. 4) elevam suas vozes em louvor. Os principais eventos relacionados à sua segunda vinda são apresentados na forma de cântico: ele julga os mortos, dá galardão aos cristãos e destrói os ímpios (v. 18-19). Aqui Jesus é visto exercendo sua justiça. Ele traz alegria àqueles que sofreram em seu nome e punição para os que o rejeitaram. Suas ações poderosas, que impõem justiça final a um mundo injusto e mal, enche o coração dos habitantes do céu de alegria. Imagine, então, o que sentem os cristãos que habitam a terra!

RESUMO

No soar das trombetas temos novamente a presença do *paralelismo progressivo*. Pela segunda vez são apresentadas catástrofes que se manifestam na História da humanidade. O objetivo delas agora é atingir os descrentes a fim de despertar neles arrependimento e fé. A Igreja é enviada ao mundo para testemunhar o evangelho de Jesus (cp. 11). Apesar dos sinais divinos e da pregação da Igreja, o mundo não crê e se mantém endurecido em seu pecado. Nesse contexto, a sétima trombeta é tocada e com ela vem o julgamento final trazendo juízo para uns e recompensa para outros.

A IDENTIDADE DO IMPÉRIO ROMANO E A PERSEGUIÇÃO AOS CRISTÃOS

[OS CAPÍTULOS 12 A 14]

O CAPÍTULO 12 inicia um novo ciclo no enredo do Apocalipse. Alguns elementos históricos até esse momento obscuros começam a ser esclarecidos. Fora as referências indiretas às igrejas nas cartas, é a primeira vez que o Império Romano é identificado de modo claro. Ele é citado em virtude da perseguição que move aos cristãos. A sequência do livro será um desdobramento do que for mostrado nesta seção.

Estes capítulos apresentam a seguinte divisão:

- 12 e 13: hostilidade do dragão e das duas bestas contra os cristãos.
- 14: anúncios do julgamento divino.

A HOSTILIDADE DO DRAGÃO E DAS DUAS BESTAS - CP. 12 E 13

Estamos novamente no *passado*, na encarnação de Jesus (cf. “o filho varão que nasce” em 12.5). A “mulher” é símbolo de Israel, de onde procede historicamente Jesus (cf. Is 66.7-8 para a imagem de Israel dando à luz filhos), e também da Igreja, conforme já vimos, cuja descendência é perseguida pelo dragão (12.17). O “dragão” é Satanás

(12.9), e a “criança” que nasce é Jesus Cristo (12.5 - referência ao Salmo 2.9, que apresenta o Messias regendo as nações com um cetro de ferro).

O dragão quer “devorar o filho da mulher” (v. 3-4). Ou seja, ele pretendia matar Jesus Cristo antes que ele consumasse sua obra na cruz (cf., nesse sentido, a intenção demoníaca de Herodes em Mt 2.16-18). Satanás, entretanto, não consegue. A criança é arrebatada aos céus por Deus (v. 5), o que significa sua ascensão após a ressurreição. O objetivo destes primeiros seis versículos é revelar como o diabo foi malsucedido em seu intento de destruir Jesus Cristo.

Como consequência, os versículos 7-12 relatam a expulsão do diabo do céu, que se deu com a encarnação, vida (testemunhada através da vitória de Jesus sobre o diabo no deserto - Mt 4, e nos diversos exorcismos presentes nos evangelhos), morte e ressurreição de Jesus (cf. Jo 12.31-32; 16.11). Essa expulsão é apresentada por intermédio de uma luta celestial (v. 7-9). A vitória de Jesus é transferida aos cristãos, mas ela também traz um preço elevado a eles: a perseverança, se necessário até a morte (v. 11).

A expulsão do diabo já foi mencionada na quinta trombeta (9.1-11) que tratou de sua ação sobre os seres humanos descrentes. Agora a ira do diabo (v. 12) se manifesta contra a Igreja (v. 13). A mulher (= Igreja) foge com “asas de águia” (símbolo de ajuda divina - Ex 19.4) para o “deserto” (referência à saída do povo de Israel do Egito, em direção ao deserto, onde Deus os dirigiu e protegeu contra o faraó). Como já foi mencionado, esse “um tempo, tempos, e metade de um tempo” (v. 14) significa todo o período entre a primeira e a segunda vinda de Jesus Cristo. A “água” que sai da boca do diabo (v. 15) significa a tribulação lançada contra a Igreja (a água em determinados textos do Antigo Testamento traz esse sentido. Cf. Sl 32.6; 124.4). Mas ela é salva (v. 16). O diabo fica ainda mais irado, e sua próxima investida se dará por intermédio das duas bestas (cp. 13).

A primeira, a “besta que surge do mar” (13.1), é o Império Romano (cf. 17.3 que apresenta uma besta com sete cabeças. Em 17.9 se esclarece que as cabeças são “sete montes”, referência explícita aos montes que cercam a cidade de Roma). O “mar” representa os poderes que se

opõem ao domínio de Deus (cf. Sl 74.13-14; 89.10-11) ou mesmo o mar Mediterrâneo, lugar de domínio romano. Em ambos os sentidos, mar significa oposição a Deus. A besta que vem do mar é o Império Romano que se coloca como inimigo de Deus e de seu povo. Estamos agora no *presente*, diante das tribulações enfrentadas pelas comunidades cristãs da Ásia Menor.

Por trás do domínio romano, diz João, está o diabo que lhe dá poder (13.2b). Fica claro que a oposição de Roma aos cristãos não é uma questão política apenas, mas sim espiritual. É nesse sentido que os seguidores de Jesus devem avaliar a situação e se posicionar diante dela. Se em Rm 13 o imperador e seus governantes são instrumentos de Deus, neste capítulo eles são agentes do diabo. As autoridades não são vistas de modo absoluto na Bíblia, devendo, antes, ser avaliadas segundo os padrões estabelecidos por Deus para o seu governo. Tais princípios são essencialmente justiça, equidade, cuidado para com os segmentos mais sofredores da sociedade, e todas as ações que permitam da parte dos súditos uma vida tranquila e digna (cf. a esse respeito o Sl 72).

A expressão: “vi uma de suas cabeças *como golpeada de morte*” (13.3) é exatamente igual no texto grego à afirmação sobre Jesus, que é o “Cordeiro *como tinha sido morto*” (5.6). Na realidade, os termos em itálico em 13.3 deveriam ser traduzidos como em 5.6: “vi uma de suas cabeças *como tinha sido morta*”. Tal paralelismo é intencional. A “cabeça” simboliza um imperador romano (cf. 17.9b, onde as cabeças representam reis). Portanto, o autor do Apocalipse desmascara a pretensão de um imperador romano de se igualar a Jesus como ressurreto.

No período em que o livro foi escrito circulava uma lenda segundo a qual o imperador Nero, morto em 68 d.C., voltaria à vida. Cria-se mesmo que isso já teria acontecido. Domiciano era, para o povo, o Nero redivivo. Isso maravilhava “toda a terra” (v. 3b) e produzia “adoração ao dragão e à besta” (v. 4). Temos, nestes versículos, um princípio importante para a manutenção de todo poder político: criar uma “aura de divinização” em torno de si. Ou seja, apresentar-se como representante de Deus, ou, então, divinizar seus heróis. É o que os

Estados Unidos vivenciam praticamente desde suas origens a partir da ideologia do “Destino Manifesto”, segundo a qual o país seria vocacionado por Deus para expandir-se territorialmente levando sua democracia e sua forma de cristianismo às demais nações. Ou, em um contexto diferenciado, mas com o mesmo mecanismo, o que fazem poderes totalitários, como a antiga URSS, a atual Rússia e a China. O Apocalipse nos ajuda a ver por “detrás” dessas máscaras. Permite identificar quem realmente está agindo. O que se esconde por detrás dessas fachadas é o poder diabólico, que gera violência, sofrimento e derramamento de sangue.

A besta profere blasfêmias, persegue a Igreja e a vence, dominando sobre os povos e sendo cultuado por eles (v. 6-8). É um tempo de opressão. Nesse momento é importante que os cristãos das sete igrejas criam que, apesar do sofrimento e mesmo da morte, eles já venceram o diabo (12.11-12).

A segunda besta, a que “surge da terra” (13.11-18), representa o poder religioso do império. Ela “parece cordeiro”, referência a Jesus Cristo, mas fala como “dragão” (v. 11). Temos aqui a máquina estatal a serviço da adoração do imperador. É provável que se tenha em mente aqui os sacerdotes dos templos nos quais o imperador era cultuado e os altos funcionários provinciais responsáveis pelo desenvolvimento desse culto (v. 12). Mas essa prática só se desenvolveu em razão do desejo e da aspiração do próprio povo. A sociedade estimulava o culto ao imperador (a Ásia Menor foi a região onde tal culto mais se desenvolveu), e aceitava de bom grado a ideia de fazer imagens em homenagem a ele (v. 14). Os cristãos, em oposição, por não adorarem a imagem do imperador, eram mortos (v. 15).

Esta segunda besta, enquanto manifestação religiosa, opera “sinais”, visto que Satanás está por trás dela (cf. 2Tss 2.9). Ela desenvolve uma identidade profética poderosa, semelhante a Elias (“fogo do céu faz descer à terra” - v. 13. Cf. 1Rs 18.30-38). Também torna viva a imagem da primeira besta (v. 15a), possível referência aos oráculos religiosos nos templos dedicados ao imperador. Assim como os que adoram a Deus foram marcados (7.3), os adoradores da besta também o são

(v. 16). Tal procedimento implica na identificação daqueles que são leais tanto a Deus quanto à besta. Esta caracterização irá definir o destino de cada pessoa no desenrolar do livro. Assim como a marca de Deus, a marca da besta também é simbólica. Não existe dado histórico indicando que todos que adoravam o imperador recebiam um sinal. A marca é mais bem entendida como a própria lealdade, seja a Deus ou ao diabo. Portanto, adorar o imperador, inclinando-se diante de sua estátua, maravilhando-se com seus sinais prodigiosos, e seguindo suas orientações como se fosse um deus, já constituía um sinal que haveria de identificar seus praticantes.

Do mesmo modo, o “número da besta” (v. 18) não introduz um nome específico e misterioso, que tem aguçado a curiosidade de intérpretes através dos séculos. Pelo contrário, visto que já sabemos que a besta é o Império Romano, seu número indica o representante do império, o imperador Domiciano. O número seis é simbólico. Por ser inferior ao número sete, número da perfeição, ele indica exatamente seu oposto, a “imperfeição”. Identificar o número da besta como 666 significa dizer que, apesar de toda sua arrogância e poder, Roma e seu imperador são imperfeitos, até mesmo frágeis e que, portanto, é sábio aquele que se mantém ao lado de Deus.

A imagem das duas bestas é altamente significativa. Muitas vezes, de modo infantil, temos nos preocupado com o “significado” do número da besta e do seu sinal, não compreendendo o real sentido. Na verdade, carrega o sinal da besta aquele que se sente fascinado pelo estilo de vida de uma sociedade materialista e sensual; aquele que idolatra uma ideologia, qualquer que seja; aquele que se coloca como centro de sua própria vida, desprezando os demais seres humanos à sua volta; aquele que se deixa guiar cegamente por políticos e governos, sejam totalitários ou pseudodemocráticos.

Todas essas opções existenciais e, na realidade, de fé, quando se tornam senhoras de nossa vida, nos marcam com o sinal daquele que está por trás delas: o diabo. É por isso mesmo que devemos sempre ter em mente: a característica delas é 666, ou seja, elas são imperfeitas! O Apocalipse foi escrito, entre outros propósitos, para nos alertar a esse respeito.

ANÚNCIOS DO JULGAMENTO DIVINO - CP. 14

Assim como os dois capítulos anteriores apresentam, após a descrição das catástrofes, a segurança do povo de Deus antes do juízo final (cp. 7; 11.1-2), aqui também o mesmo acontece. Após identificar o Império Romano como instrumento usado pelo diabo para perseguir os cristãos (cp. 12 e 13), surge uma cena onde Deus guarda aqueles que são seus (14.1-5). Os cristãos entoam um cântico que somente eles podem cantar (v. 3-4). Nada é dito sobre a letra. Mas com certeza é semelhante aos anteriores (4.11; 5.9; 7.12 etc) que tematizam a soberania de Deus e a obra redentora de Jesus. Este cântico provavelmente agrega o fato de terem sofrido e serem vitoriosos mediante o sacrifício vicário de Jesus Cristo. Somente eles, como pessoas que passaram pela experiência histórica da salvação, podem cantar. Mesmo diante da perseguição e do sofrimento (cp. 13) há louvor em seus lábios. A consciência da soberania de Deus sobre suas vidas consequentemente os leva a louvar seu nome.

A partir desse momento surge o anúncio do julgamento de Deus. O quadro cronológico agora é *futuro*. Um anjo traz um “evangelho” (= boa notícia) anunciando que é chegado o “seu juízo”, isto é, o juízo sobre os habitantes da terra, das nações, tribos e povos (14.6-7). Convém lembrar que no Novo Testamento o anúncio do evangelho não consiste somente de salvação, mas de juízo igualmente (cf. Lc 3.17-18, que apresenta linguagem apocalíptica de juízo).

O juízo atinge Roma (14.8). O anjo anuncia a queda da “Babilônia” (= Roma. Cf. 1Pe 5.13). Este é um julgamento dentro de um contexto histórico específico, que pode se referir à queda do Império Romano diante dos povos bárbaros no século V d.C. Toda manifestação do juízo divino que ocorre na história humana é uma antecipação do juízo vindouro e final. Aqui é necessário um esclarecimento. Embora o Apocalipse em seu contexto histórico se refira a Roma, os princípios presentes no livro podem ser aplicados a outras situações históricas. Por exemplo, qualquer governo humano que persiga cristãos pode ser identificado como a besta a serviço do dragão (Satanás), sobre o qual o juízo histórico de Deus há de cair.

Outro anjo anuncia o juízo de Deus sobre os que “adoram a besta” (14.9-11). Se anteriormente Deus havia chamado tais pessoas ao arrependimento (cp. 8 e 9) por intermédio de catástrofes manifestadas na História, agora ele sela o destino futuro delas.

Há, em seguida, uma bem-aventurança sobre os que têm morrido no Senhor (v. 13). Isso mostra que Deus nunca se esquece daqueles que são fiéis a ele. Mesmo em uma perspectiva eterna, seus servos possuem uma consciência histórica vinculada às “obras que os acompanham”.

Por fim, surge a descrição do juízo final (14.14-20). Ele é direcionado àqueles que se opuseram a Deus e adoraram a besta. O juízo é apresentado por intermédio da imagem de uma “ceifa” (v. 15-16. Cf. Mt 13.30 onde a terminologia é idêntica) que atinge aqueles que “adoram a besta”, os quais serão atirados no “grande lagar da cólera de Deus” (v. 19. Em 14.10 os que adoram a besta recebem a “cólera de Deus”).

O capítulo quatorze trata, portanto, do juízo de Deus. Este é mais específico do que os anteriormente apresentados, enfocando particularmente aqueles que não temem a Deus. O quadro traz, de certa forma, consolo para os que sofrem, e já é uma resposta à oração dos fiéis que clamaram por justiça (6.10). A aplicação da justiça será mais evidente nos capítulos seguintes.

RESUMO

Os capítulos 12 a 14 cobrem, como as seções anteriores, o passado, o presente e o futuro. O passado é descrito em função da incapacidade do diabo de matar Jesus Cristo. Tal situação introduz o presente, no qual o diabo persegue a Igreja, tendo como instrumento o Império Romano. Já o futuro revela uma faceta mais profunda da realidade ao declarar que aqueles que hoje perseguem serão perseguidos e punidos no futuro mediante o juízo divino.

A partir da leitura destes capítulos cabe ao leitor refletir que, diante do que foi apresentado, é impossível permanecer passivo. O Apocalipse não está apresentando o quadro histórico de um passado e de um futuro distantes. Mesmo que não se dê conta, cada pessoa está frente a frente com o dilema: ou carrega a marca de Deus, ou traz a marca da besta. Não é possível ficar isento.

AS SETE TAÇAS

[OS CAPÍTULOS 15 E 16]

APÓS SEREM REVELADOS nos capítulos 12 a 14 a identidade do perseguidor dos cristãos: o Império Romano, e o poder que o move: Satanás, os capítulos 15 e 16 descrevem o derramamento da “cólera de Deus” sobre o mundo (15.1; 16.1), e especificamente sobre a besta, sobre os que carregam a sua marca, e sobre a Babilônia.

Vemos nestes capítulos repetir-se novamente o ciclo que cobre toda a História humana. É necessário lembrar que, assim como os anteriores, estes capítulos não seguem uma “ordem cronológica”. Evidência disso é a afirmação em 14.8 de que Babilônia (Roma) “caiu”. Porém em 16.19 sua destruição é descrita novamente e no capítulo 17 ela é apresentada em detalhes antes de sofrer o juízo definitivo.

Como em outros momentos no Apocalipse, os capítulos 15 e 16 apresentam uma divisão espacial: céu e terra (cf., por exemplo, 7.1-8: terra, e 7.9-17: céu). Os dois capítulos podem ser nomeados:

- Capítulo 15. Cena de abertura no céu.
- Capítulo 16. As sete taças da ira de Deus sobre a terra.

CENA DE ABERTURA NO CÉU - CP. 15

João vê sete anjos com sete flagelos. Com eles se “consumou (consumará) a ira de Deus”. Já vimos a ação de Deus sobre a terra (natureza e seres humanos) na abertura dos selos e no tocar das trombetas. Agora sua manifestação é mais enfática. Ele está irado contra aqueles que perseguem sua Igreja e dirigirá contra eles seu furor. Esse é o objetivo das sete taças.

João introduz uma visão que manifesta o tempo *presente* ao mostrar no céu aqueles que “venceram a besta” (15.2). Isso é importante, pois assegura que os cristãos que “aparentemente” foram derrotados e mortos pela besta (13.7,15), na realidade foram “vitoriosos” sobre ela. Eles não estão entristecidos por terem sido mortos. Pelo contrário, entoam cânticos de louvor a Deus e ao Cordeiro (15.3-4).

Em seguida, sete anjos recebem sete taças de ouro contendo a cólera de Deus (15.7). Isso significa que o que está para acontecer sobre terra não é obra do acaso, mas sim de Deus. Portanto, fica a lição de que a conexão entre terra e céu é mais intensa do que podemos imaginar.

AS SETE TAÇAS DA IRA DE DEUS SOBRE A TERRA - CP. 16

Levítico 26.21 afirma que aqueles que se negam a andar segundo a vontade de Deus recebem “pragas” da sua parte. É o que ocorre neste capítulo. No desenrolar do Apocalipse existe uma progressão nos juízos de Deus sobre a terra. Nos selos, toda a terra é atingida pelas catástrofes que se abatem sobre ela, incluindo cristãos e não cristãos. Nas trombetas, o alvo são aqueles que não creem em Cristo, os quais, diante do sofrimento, deveriam se arrepender e voltar para Deus (9.21). Porém, eles se mantêm irredutíveis. Já nas taças temos uma especificação maior. A cólera de Deus, que se manifesta na História, é dirigida contra os seguidores da besta (16.2) e à cidade de Roma (16.19). O objetivo já não é produzir arrependimento, como nas trombetas, mas punição. E de forma intensa, pois enquanto as trombetas atingiram uma “terça parte” (8.7,8,10,12; 9.15), as taças atuam sobre tudo e todos aos quais se dirige. É o juízo de Deus que cai sobre aqueles que não o temem e que tem perseguido sua Igreja.

Para deixar claro que tanto trombetas quanto taças cobrem o mesmo período da História, basta que coloquemos em colunas paralelas seus temas para vermos a identificação entre elas:

As sete trombetas - cp.8-9

1. Terra (8.7)
2. Mar (8.9)
3. Rios e fontes (8.10)
4. Sol, lua, estrelas (8.12)
5. Escuridão, tortura (9.2,5)
6. Rio Eufrates (9.14)
7. Voz no céu (9.13)

As sete taças - cp. 16

1. Terra (v. 2)
2. Mar (v. 3)
3. Rios e fontes (v. 4)
4. Sol (v. 8)
5. Escuridão, sofrimento (v. 10)
6. Rio Eufrates (v. 12)
7. Voz no trono (v. 17).

Não deve nos surpreender que o juízo de Deus se manifeste na História. Ele já agiu dessa forma em Babel (Gn 11.1-9) e em Sodoma e Gomorra (Gn 19.24-25). Tais ações são apenas um prelúdio ao grande ato de punição que será levado a cabo no dia do juízo final.

O capítulo 16, então, expressa a ação de Deus contra Roma e seus seguidores, dentro daquilo que seria o *futuro* em relação ao tempo de João e que culminará com a volta de Jesus Cristo (16.17-21). Essa descrição pode ser interpretada tanto como a manifestação do juízo de Deus na História quanto no final da História contra todo poder que se levante contra ele e sua Igreja.

Outro item de identificação entre as taças e as trombetas é o fato de que ambas são apresentadas, de forma geral, seguindo a descrição das pragas lançadas por Deus contra o Egito (Ex 7-12).

A primeira taça (16.2) lembra a sexta praga do Egito (Ex 9.8s). Os portadores da marca da besta são atingidos pela cólera divina, materializada em úlceras malignas e perniciosas.

A segunda taça (16.3) relaciona-se com a primeira praga (Ex 7.17-21). Assim como no Egito, as águas se transformam em sangue. A diferença é que no Apocalipse o flagelo que sobrevém ao mar atinge também o ser humano, visto que os povos que viviam ao redor do Mar Mediterrâneo dependiam dele para sobreviver.

A terceira taça (16.4-7), assim como a segunda, toma como base a primeira praga do Egito (Ex 7.17-20). Aqui o foco está colocado na água doce necessária para a vida humana. É provável que o sangue simbolize a poluição que afeta os recursos hídricos e que, portanto, liga-se indiretamente às próprias ações destrutivas protagonizadas pelos seres humanos. Nesse sentido, Deus utiliza-se das ações do próprio ser humano para puni-lo. O anjo explica, com certa ironia, a razão da praga a partir de um raciocínio retributivo. Aqueles que derramaram o sangue dos santos e profetas beberão igualmente, como retribuição, sangue (v. 6). Também se ouve, vindo do altar de Deus, vozes que exaltam sua justiça (16.7). Provavelmente estas são as vozes dos cristãos que clamavam por justiça em 6.10.

A quarta taça (16.8-9), deixando o quadro comparativo com o Êxodo, lembra a maldição de Deus sobre os que não o temem mediante um calor intenso que queima os seres humanos (cf. Dt 28.15 e 22). O autor faz questão de expressar a reação deles: blasfemaram contra Deus e não se arrependeram (16.9).

A quinta taça (16.10-11) é derramada diretamente sobre o trono da besta (Império Romano. Cf. cp. 13). Esta taça representa a ação de Deus contra os poderes políticos e religiosos que se levantam contra ele. A História é rica em exemplos de povos e nações poderosos que, por não terem dado ouvidos a Deus, foram retirados do cenário mundial. Entre eles podem ser contados Egito, Assíria, Babilônia, Grécia, Roma, e, mais recentemente, a União Soviética.

A sexta taça (16.12-16) manifesta a oposição do diabo (dragão), de Roma (besta) e da máquina religiosa romana (falso profeta. Em 19.20 ele é visto como aquele que faz com que as pessoas adorem a besta, mesmo papel atribuído à segunda besta em 13.12,15) contra Deus. Eles procuram reunir aqueles que lhes dão apoio para lutar contra o Todo-Poderoso (v. 14). O lugar em que eles se juntam para a batalha é chamado de “Armagedom” (v. 16) . Não há concordância entre os pesquisadores quanto à sua localização e sentido. Parece que as batalhas descritas em 19.11-21 (contra a besta e o falso profeta), e em 20.7-10

(contra o diabo, Gogue e Magogue), ocorrerão nesse lugar (embora o termo não apareça nos textos bíblicos citados).

A sétima taça (16.17-21) apresenta a vinda de Cristo (cf. o paralelo entre o v. 20 e 6.14), relacionada com a destruição de Babilônia (= Roma. Cf. 17.5,9). Mesmo diante de quadro tão aterrador, os homens blasfemam contra Deus (16.21). Como já foi dito, o juízo sobre Roma na História é somente uma antecipação do juízo final que virá sobre ela.

RESUMO

As taças introduzem a ação direta de Deus contra os inimigos de seu povo. Há aqui uma progressão em relação aos selos e às trombetas. O alvo específico das taças são aqueles que não se arrependem, preferindo continuar em seus pecados. O Império Romano e o diabo também são atingidos pelos fragelos divinos.

Os capítulos 17 a 20 descrevem a destruição dos inimigos de Deus e da Igreja um a um. Depois, finalmente, virá a recompensa para aqueles que são fiéis.

A DERROTA DE ROMA, DA BESTA E DO FALSO PROFETA

[OS CAPÍTULOS 17 A 19]

NO ÚLTIMO CAPÍTULO observamos como as taças da cólera de Deus caíram sobre os que carregam o sinal da besta (16.2) e sobre Babilônia (Roma – 16.17-21). Agora estudaremos com mais detalhes a derrota da tríade maligna: Roma, a besta e o falso profeta. Dessa forma, o autor do Apocalipse faz questão de mostrar como os inimigos de Deus e da Igreja vão sendo derrotados um após o outro.

Esta seção também transcorre dentro de um período cronológico que cobre toda a História. A descrição de Roma no capítulo 17 se dá no contexto do tempo presente para João. Já o capítulo 18, que descreve a queda de Roma, apresenta o futuro, quando Deus realizará um juízo histórico sobre a cidade. No capítulo 19 temos um “futuro” mais dilatado, em uma perspectiva escatológica. Aqui estamos no contexto da segunda vinda de Jesus, quando ele aprisionará a besta e o falso profeta e os lançará no lago de fogo (19.20), lugar onde passarão a eternidade em tormentos (20.10). Fica evidente, portanto, que a partir deste ponto da trama a ênfase recai sobre o futuro.

Os capítulos podem ser lidos seguindo a estrutura abaixo:

- Descrição de Roma, a grande meretriz - cp. 17.
- A queda de Roma e suas consequências - cp. 18.
- Louvor no céu pela destruição de Roma – 19.1-10.
- O aprisionamento da besta e do falso profeta – 19.11-21.

DESCRIÇÃO DE ROMA, A GRANDE MERETRIZ - CP. 17

O objetivo dessa descrição é mostrar com detalhes o motivo pelo qual Roma será destruída. Um anjo traz tal revelação para João (17.1).

Primeiramente é apresentada uma visão de Roma, a meretriz (v. 3-6). Os elementos do texto permitem concluir que a mulher simboliza a cidade de Roma (Cf. v. 9a – as sete colinas que circundam Roma; e v. 18 – a mulher é a “grande cidade que domina sobre os reis da terra”). Suas vestes e adornos dão destaque à sua “riqueza e realza” (v. 4). Ela está “montada numa besta” (v. 3), que representa o Império Romano (cf. cp. 13). Dessa forma se explicita que a cidade é o centro nervoso do império. Ademais, ela é descrita como a “mãe das meretrizes e das abominações da terra” (v. 5), isto é, Roma é a fonte de todo o mal existente no mundo de então. Sua última e terrível característica é “estar embriagada com o sangue dos santos” (v. 6. Cf. 13.7,15).

Em seguida é apresentada a interpretação da visão (v. 7-18). Primeiramente a “besta” é identificada. Ela “era e não é, está para emergir do abismo” (v. 8). Tais palavras lembram a lenda sobre o “Nero redivivo” que voltaria. Ele “era”, isto é, exerceu seu reinado; “não é”, desapareceu; e “está para emergir”, ou seja, surgirá no futuro para governar todo o império. Para os cristãos, ele representava o poder demoníaco do Império Romano. O v. 9a nos diz que o império (a besta) se identifica com a cidade de Roma, visto que as sete cabeças da besta são “sete montes” (referência à cidade de Roma). Mas as sete cabeças são também “sete reis” (v. 9b). Isto pode causar estranheza, mas em uma linguagem simbólica o mesmo símbolo pode ter mais de um sentido. O v. 10 apresenta maiores detalhes sobre esses reis. “Cinco caíram, um existe, e o outro ainda não chegou”. O que isso significa? Alguns

tentam fazer uma averiguação histórica sobre quem eram tais reis. Mas essa pesquisa não produz resultados significativos.

Para João e suas igrejas, não era relevante saber quem foi o primeiro ou o quinto rei, mas sim definir, mediante o “número” desses reis, a figura do império. É provável que o número sete seja simbólico, assim como na descrição das sete igrejas da Ásia (cp. 2 e 3) que, além das igrejas geograficamente situadas, representam “todas as igrejas” daquela região. O objetivo seria, mediante o número de sete imperadores, afirmar que o Império Romano estava identificado em sua totalidade com a besta. Dessa forma Domiciano, o sexto imperador, o que governa no momento em que João escreve, representa a besta; os anteriores também a representaram; e o que virá também a representará. João mostra, assim, que o império em toda a sua extensão tem sido representante da besta.

O Império Romano possui, entretanto, expressões de maior bestialidade em determinados momentos. Isso nos leva de volta à besta que “era e não é, está para emergir do abismo” (v. 8 e 11). Nessa descrição, a besta é um imperador específico. Estamos falando novamente da lenda do Nero redivivo. O governo de Nero foi a encarnação mais clara da besta, e esperava-se que um próximo imperador desenvolvesse novamente seu estilo de governo: a perseguição aos cristãos. Portanto, se com Domiciano as coisas estavam “começando” a se tornar difíceis, João afirma que surgirá outro imperador que trará tempos ainda mais atrozés à Igreja. Essa perspectiva contribui para que se conclua que a perseguição em sua intensidade máxima ainda estava por vir. Afinal, esse será o “oitavo” imperador. Mas o aparecimento de um oitavo imperador não quebraria o simbolismo do número sete? Não, visto que, na realidade, ele não é um imperador que se deve “somar” aos outros sete. Pelo contrário, ele “procede dos sete” (expectativa do reaparecimento de Nero). Teríamos, então, uma oitava aparição de um dos sete imperadores anteriores.

Para finalizar a descrição da besta, João afirma que ela possui “dez chifres”, e esclarece o sentido da imagem dizendo que eles são dez reis (v. 12) aliados à besta e que exercem poder por um período curto

de tempo (“uma hora”). Eles são submissos à besta (v. 13), formando uma frente de combate ao Cordeiro. Mas não conseguem seu intento, sendo vencidos por Jesus, o “Senhor dos senhores, o Rei dos reis” (v. 14. Essa batalha é apresentada em 19.11-21).

A QUEDA DE ROMA E SUAS CONSEQUÊNCIAS - CP. 18

Assim como o primeiro anjo introduziu a visão de Roma (17.1-3), outro anjo é portador do anúncio de sua queda (18.1-3). É provável que o texto fale da destruição da cidade e do desmoronamento do império. Nesse sentido, mesmo que a destruição se apresente como já tendo acontecido (“Caiu! Caiu a grande Babilônia” - v. 2), ela, na realidade, se dará no futuro. O emprego do pretérito visa enfatizar que sua ruína, por tudo quanto tem feito, “já está determinada”. É possível pensar também que a queda a que se refere o texto signifique decadência moral e espiritual, como se o anjo estivesse dizendo que Roma atingiu o nível mais baixo que se pode esperar de um governo e de um povo.

Diante da condenação de Roma, os cristãos são chamados a “sair dela” (18.4-5). Essa ordem, que atinge muitos membros das igrejas da Ásia Menor, era de difícil execução. Afinal, eles desenvolviam suas vidas familiares, seus negócios e seus planos sem enfrentar problemas com o império, usufruindo suas riquezas e comodidades. Mas para João, ou eles se afastam dessa cidade pecaminosa, rejeitando seu estilo de vida e a influência de seus valores, ou se tornam “cúmplices de seus pecados”, participando dos flagelos que serão destinados a ela (18.4).

A queda de Roma não é um fato isolado na História. Ela traz consequências que atingem aqueles que se relacionavam com a capital do império. Primeiramente os “reis da terra” lamentam a destruição da cidade (18.3 e 9). Como aliados, e mesmo que fossem povos conquistados, eles participavam do poder que emanava de Roma e agora sofrem com sua perda. Em segundo lugar, temos os “mercadores da terra” (18.3, 11-16) que se enriqueceram no comércio com Roma. Agora terão que buscar negócios lucrativos em outros lugares. E em terceiro vêm os “mercadores do mar”, a marinha mercante (18.17-19) que

também enriqueceu com o transporte de mercadorias de e para Roma no oceano Mediterrâneo. Esses grupos sofreram com a destruição de sua parceira. Deixaram de auferir lucros com sua saída do mercado.

Pode ser que entre tais segmentos se encontrassem cristãos. Isso evidencia o risco do seguidor de Jesus viver uma religiosidade superficial, que oculta uma vida essencialmente profana, que não consegue discernir na prática os valores que regem a conduta de um discípulo de Jesus Cristo. O Apocalipse denuncia tais cristãos como pessoas que estavam se vendendo ao sistema de influências e obtendo lucros com negócios escusos.

Em Apocalipse 18.21-24 novamente aparece uma declaração de condenação a Roma, agora enumerando os motivos pelos quais Deus a condenou. Inicialmente o anjo, como forma de tornar ainda mais dramática a cena, indica que certas atividades desaparecerão juntamente com a cidade (18.22-23). Cita os sons de instrumentos musicais, o trabalho de artífices, o ruído da pedra de moinho (utilizada para a produção de farinha para a produção de pães e em outros alimentos), as das luzes das candelas no interior das casas e as vozes dos noivos.

Em seguida o anjo apresenta os motivos para a destruição. O primeiro é a “sedução de sua feitiçaria” (18.23b) sobre as nações da terra. A feitiçaria não é necessariamente religiosa, mas a sedução exercida sobre o mundo pelo poder, glória e riqueza de Roma. Ela é culpada por ter usado tais atributos para conduzir os seres humanos à corrupção, à sensualidade e à opressão. O segundo motivo pelo qual a cidade é punida é por ter se achado nela “sangue de profetas, santos e de todos os que foram mortos sobre a terra” (18.24). Deus não se esquece daqueles que perseguem seu povo. O sangue dos cristãos mortos clama por justiça, e Deus é fiel a eles. Os dois motivos que levam Roma à destruição fornecem também critérios para avaliarmos a ação de Deus sobre qualquer nação em qualquer época da História.

LOUVOR NO CÉU PELA DESTRUIÇÃO DE ROMA – 19.1-10

Diante do julgamento de Roma, a voz de uma “numerosa multidão” é ouvida no céu louvando a Deus (19.1-2). São os santos, apóstolos e

profetas que exaltam os atos divinos (18.20), pois ele exerceu justiça sobre aquela que trazia o sangue de seus servos em suas mãos (19.2b). Os seres celestiais também o louvam (19.4), e, por fim, uma voz do trono exorta todos os servos de Deus a Louvá-lo (19.5). Ou seja, todos aqueles que estão no céu entoam louvores por aquilo que Deus fez sobre a terra.

Um novo elemento é introduzido como motivo para que o louvor continue. Chegam as bodas do Cordeiro, cuja esposa já está preparada. (19.7). A terminologia é conhecida e se aplica à relação entre Jesus Cristo e a Igreja (2Co 11.2; Ef 5.25-27). Constrói-se aqui um evidente contraste entre a noiva e a prostituta. Aqueles que não se deixaram seduzir por Roma, a prostituta, mas mantiveram-se fiéis a Jesus, constituem a Igreja pura, sem mácula, noiva de seu Senhor. Para além dessa descrição, os cristãos são apresentados também como aqueles que vestem “linho finíssimo, resplandecente e puro” (19.8), isto é, uma veste especial para o dia do casamento. Mas a linguagem é metafórica. Tais vestes representam “os atos de justiça dos santos”. Justiça entendida como fidelidade a Deus tanto em aspectos religiosos quanto naqueles sociais e políticos. É a totalidade do compromisso cristão que é exaltada neste versículo. Os cristãos serão recebidos com amor pelo noivo e viverão com ele eternamente. Tal fato se constitui em bem-aventurança (19.9).

O APRISIONAMENTO DA BESTA E DO FALSO PROFETA – 19.11-21

A cena iniciada em 19.6, com a descrição da segunda vinda do Senhor Jesus, tem continuação neste bloco com o aprisionamento da besta e do falso profeta que são, respectivamente, o Império Romano e a máquina estatal de promoção da adoração do imperador descritos no capítulo 13. O cavaleiro (19.11) é Jesus Cristo. Podemos fazer essa constatação a partir de sua descrição. A expressão: “Olhos como chama de fogo” (19.12) já apareceu em 1.14 referindo-se a Jesus. De sua boca sai uma “espada afiada” (19.15. Comparar com 1.16). Seu nome é “Verbo de Deus” (19.13), linguagem joanina para referir-se a Jesus (Jo 1.1,14), e “Rei dos Reis e Senhor dos Senhores” (19.16). Seu exército é formado

por seus servos, os cristãos que vestem “vestiduras de linho finíssimo branco e puro” (19.14. Comparar com o v. 8).

A besta se reúne com os reis da terra para a peleja (19.19). A cena foi antecipada em 16.14-16. Embora a batalha não seja descrita, seu resultado é apresentado. A besta e o falso profeta (a besta que emerge da terra no cp. 13. Ela opera “sinais” – 19.20. Comparar com 13.13) são aprisionados e lançados no “lago do fogo que arde com enxofre” (19.20b), lugar de sofrimento eterno (20.10b), chamado de “segunda morte” (20.14), para onde irão os que não estão inscritos no livro da vida (20.15). Outros dois inimigos do Senhor Jesus são destruídos! A punição aqui descrita não se refere apenas à punição final do Império Romano, mas diz respeito também a todo império ou nação que se levante contra Deus no decorrer da História.

A descrição da segunda vinda de Jesus neste bloco é feita em termos de uma “batalha”. Essa mesma segunda vinda já foi vista anteriormente como uma “ceifa” (14.14-20). Isso significa que o Apocalipse usa várias imagens para descrever o mesmo fato.

RESUMO

Nos capítulos analisados vimos a punição de três inimigos do Senhor Jesus e de sua Igreja: a prostituta (Roma), a besta (Império Romano), e o falso profeta (máquina estatal de promoção da adoração do imperador). Anteriormente os seguidores da besta já haviam sido punidos (capítulo 16).

Essas imagens são importantes para, primeiramente, fortalecer aqueles que sofrem e são perseguidos, com o objetivo de que permaneçam fiéis ao Senhor. Em segundo lugar, elas nos lembram de que um dia aqueles que são o motivo de “lágrimas aos olhos e a morte à vida” (21.4) serão punidos pelo Senhor Jesus na manifestação de sua justiça. Portanto, este bloco marca a reviravolta no quadro descrito até este momento. A justiça é exercida, a punição é ministrada a quem merece recebê-la e, dessa forma, os cristãos e todo o céu podem louvar aquele que é poderoso para operar tais maravilhas.

Mas há ainda um último inimigo a ser vencido: o dragão, Satanás. Seu destino é reservado para as etapas finais do livro. Esse será o último ato punitivo exercido por Deus. O capítulo 20 discorrerá sobre esses fatos.

O APRISIONAMENTO DO DRAGÃO E A VITÓRIA DA IGREJA

[PARTE 1 - O CAPÍTULO 20]

NO CAPÍTULO ANTERIOR vimos como o Senhor Jesus venceu três de seus inimigos: Roma, o Império Romano, e a máquina estatal romana. Agora veremos sua vitória sobre o último e maior adversário: o dragão (diabo). O narrador deixou o diabo para ser vencido ao final por ser ele o mais importante daqueles que se opunham a Jesus. Afinal, ele estava por trás dos demais motivando-os para que perseguissem a Igreja. Somente após sua derrota João poderá falar da Igreja vitoriosa vivendo plenamente com Deus e Jesus Cristo (capítulos 21 e 22).

Vemos neste bloco pela última vez a manifestação do paralelismo progressivo, isto é, a estratégia pelo qual o narrador apresenta a História iniciando no passado e caminhando para o futuro. Esse desenvolvimento é perceptível: no “aprisionamento de Satanás” (20.2), que ocorreu na encarnação, morte e ressurreição de Jesus (Lc 11.20-22), referindo-se, portanto, ao passado; na apresentação dos cristãos que “não adoraram a besta” (20.4), fato que se dava naquele momento presente; e na descrição do “juízo final” (20.11-15), que manifesta

o futuro. Presenciamos, novamente, a apresentação da História da humanidade desde a primeira até a segunda vinda de Jesus Cristo.

Podemos, de modo geral, dividir estes capítulos em dois grandes blocos:

- Vitória sobre o último inimigo, o dragão (diabo), e a vinda do juízo final - cp. 20.
- A Igreja habita com o Senhor na Nova Jerusalém - cp. 21-22.5.

VITÓRIA SOBRE O ÚLTIMO INIMIGO, O DRAGÃO (DIABO), E A VINDA DO JUÍZO FINAL - CP. 20

O tema central deste capítulo é a vitória de Jesus sobre o diabo e a prisão deste por “mil anos”. Os mil anos, conhecidos como “milênio” entre os teólogos, têm despertado muitas interpretações no decorrer da História. Meu objetivo não é fazer uma avaliação das possibilidades de compreensão da expressão, mas propor uma análise do texto que seja coerente com a mensagem do livro visto como um todo. Esse cuidado é necessário na interpretação de todo texto bíblico, mas principalmente do Apocalipse, pois talvez este seja o livro da Bíblia que mais sofre com a construção de proposições teológicas a partir de textos isolados, retirados de seus contextos.

O milênio deve ser analisado a partir de duas ênfases diferentes no capítulo: em uma perspectiva “terrena” (20.1-3), relacionada com a prisão de Satanás; e em uma abordagem “celestial” (20.4-6), enfocando a presença dos cristãos mortos que estão no céu juntamente com Cristo.

O diabo é “preso” por mil anos. Como já destaquei acima, a prisão do diabo está ligada à vitória de Jesus sobre ele (Cf. Lc 11.20-22; Jo 12.31; 16.11; 1Jo 3.8b). Esta mensagem já foi apresentada no capítulo 12.7-12. A prisão significa que ele não possui mais poder para “enganar as nações” (20.3). Antes da encarnação de Jesus Cristo, o diabo exercia domínio (não absoluto, é claro) sobre os povos conduzindo-os para longe de Deus. Mas com a presença de Jesus e posteriormente da Igreja, os seres humanos começam a ser retirados do reino do diabo e transportados para o reino de Jesus Cristo (Cl 1.13). Agora as trevas

não conseguem mais se opor à luz (Jo 1.5). A humanidade é chamada à salvação por intermédio da pregação do evangelho.

O período de “mil anos” durante o qual o diabo permanece preso deve ser entendido simbolicamente, do mesmo modo como foram interpretadas as expressões: “quarenta e dois meses” (11.2); “mil duzentos e sessenta dias” (11.3; 12.6); “um tempo, tempos e metade de um tempo” (12.14); e “uma hora” (17.12). Os mil anos representam um tempo que se estenderá “da encarnação de Jesus até pouco antes de sua segunda vinda”. Logo após os mil anos o diabo “será solto por pouco tempo” (20.3).

Dentro de uma perspectiva “celeste”, os mil anos relacionam-se com o destino daqueles que têm sido mortos em nome de Jesus (20.4-6). Eles são descritos estando “sentados em tronos para julgar” (v. 4). A visão é conhecida do Novo Testamento (Cf. Mt 19.28; Lc 22.30; 1Co 6.2). Os cristãos mortos em virtude de seu testemunho “reinam” (v. 4) e tornam-se “sacerdotes” (v. 6) ao lado de Cristo. Isto já foi dito daqueles que creem em Jesus (1.6; 3.21; 5.10). Se anteriormente eles foram apresentados “sofrendo” em nome de Jesus Cristo, agora eles são vistos “reinando” com ele. Tal mensagem era muito importante para as comunidades a quem João escrevia. Mesmo que para a sociedade romana os cristãos fossem considerados perdedores, na realidade eles eram vencedores. Estavam na presença de seu Senhor reinando juntamente com ele.

A “primeira ressurreição”, da qual falam os versículos 5 e 6, é o modo pelo qual João vê a morte dos servos de Deus. Para ele, quando um cristão morre, ele experimenta a “primeira ressurreição”. Ele parte para junto de Jesus Cristo. Vive como ressuscitado, com a única diferença de que ele ainda não está de posse de seu corpo (o que se dará na ressurreição geral dos mortos por ocasião da segunda vinda de Jesus). É o que marcará a diferença entre a primeira ressurreição e a ressurreição geral de todos os mortos. E é por isso que João pode dizer que quem experimenta a primeira ressurreição não sofre a “segunda morte”, ou seja, a morte eterna. Nesse sentido, pode parecer estranho que o narrador afirme que “os restantes dos mortos não reviveram até

que se completassem os mil anos”. Mas a questão aqui é que João não está preocupado com a morte dos ímpios. Para ele, basta saber que na ressurreição geral, que ocorrerá após os mil anos, eles serão julgados (20.12-15). Não lhe interessa o “estado intermediário” da alma dessas pessoas. Ele deseja realçar que os “cristãos”, aqueles que foram “féis” a Jesus Cristo, já estão na presença de seu Senhor.

A vitória sobre o diabo é descrita nos versículos seguintes (20.7-10). Após os mil anos, o diabo é solto (v. 7) por “um pouco de tempo” (v. 3b). Será um período curto de tempo no qual ele fará uma oposição feroz a Deus. O apóstolo Paulo já falou dessa manifestação satânica que se dará nos últimos tempos (cf. 2Tss 2.1-4,7-12). A oposição descrita no Apocalipse é vista como uma sedução das nações que habitam “nos quatro cantos da terra” (v. 8a. Isto é, todas as nações do mundo), e que são denominadas de “Gogue e Magogue”. Tais nomes provêm de Ez 38.2 e, qualquer que seja o sentido que apresentem no livro profético, no Apocalipse eles simbolizam a reunião de todos os povos ao lado do diabo para lutar contra Jesus Cristo. O texto não descreve a luta, mostrando apenas o sítio da cidade querida (Jerusalém). Mas o resultado é claro, indicando a derrota de seus opositores: “desce fogo do céu e os consome” (v. 9).

Tal batalha já foi mencionada diversas vezes anteriormente. Em uma delas como tendo ocorrido em um lugar indeterminado, desconhecido ou ignorado chamado “Armagedom” (16.13-16); outra ocorrência indica a reunião de dez reis com a besta para lutar contra o Cordeiro (17.12-14); e uma última a descreve como a batalha de Jesus contra a besta e os reis da terra (19.19-20). São maneiras diferentes de apresentar a mesma cena. Por fim, o diabo é vencido. Ele é lançado no lago de fogo e enxofre onde já estão a besta e o falso profeta (20.10). O último inimigo do Senhor Jesus e da Igreja é finalmente derrotado!

Os últimos versículos do capítulo (20.11-15) descrevem a segunda vinda de Jesus Cristo enfatizando o julgamento de todos os seres humanos. A cena já foi vista a partir de outras duas perspectivas no livro: como uma ceifa (14.14-20), e como uma batalha (19.11-21). Embora não se diga quem está assentado no grande trono branco (v. 11), é mais

provável que seja o próprio Deus, visto que ele é várias vezes designado como aquele que está no trono (4.2; 5.1,7,13; 6.16; 17.10,15; 19.4; 21.5). Os mortos de todos os tempos e épocas se apresentam diante do trono e são julgados segundo suas obras (v. 12-13). Não devemos estranhar tal afirmação, uma vez que ela se encontra em outros lugares do Novo Testamento (Cf. Mt 25.31-46; e 2Co 5.10). Os cristãos foram criados para “boas obras” (Ef 2.10) e pelos seus “frutos” é que podem ser conhecidos (Mt 7.16-18). O destino de cada pessoa será decidido em função das decisões tomadas durante a vida: se foram seduzidos e seguiram a besta, serão condenados. Se foram fiéis a Jesus Cristo e colocaram a lealdade a ele acima do amor a suas próprias vidas, terão seus nomes inscritos no livro da vida (v. 12 e 15). A partir desse momento, o Apocalipse descreverá a vida dos cristãos em comunhão com Deus e com Jesus Cristo (cp. 21 e 22).

RESUMO

O capítulo 20 descreve a etapa final das lutas e batalhas enfrentadas pela Igreja neste mundo. Os cristãos mortos são apresentados reinando com Jesus no céu. O diabo é derrotado em sua última tentativa de rebelar-se. E o destino final da humanidade é definido. A partir desse momento a ênfase é colocada no gozo que o povo de Deus desfrutará (cp. 21 e 22).

O APRISIONAMENTO DO DRAGÃO E A VITÓRIA DA IGREJA

[PARTE 2 - OS CAPÍTULOS 21 A 22.5]

VIMOS NO CAPÍTULO ANTERIOR a derrota do diabo e o juízo final sobrevindo a toda a humanidade (capítulo 20). Agora contemplaremos o povo de Deus na eternidade gozando da comunhão com Deus e usufruindo da recompensa à fidelidade demonstrada a ele em meio a lutas e sofrimentos.

A IGREJA HABITA COM O SENHOR NA NOVA JERUSALÉM - CP. 21-22.5

Este texto pode ser dividido em duas partes, sendo que cada uma delas começa com uma referência à “cidade Santa, a nova Jerusalém, que desce do céu” (21.2 e 10) e à “noiva” (21.2 e 9):

- Visão geral da nova era inaugurada por Cristo – 21.1-8.
- Descrição da Nova Jerusalém – 21.9-22.5.

VISÃO GERAL DA NOVA ERA INAUGURADA POR CRISTO – 21.1-8

Esta nova era é apresenta em três aspectos.

Presenças e ausências (21.1-4)

O que estará presente é apresentado por João através da palavra “vi” (v. 1a e 2). O que deixará de existir é indicado pela frase: “já não existe” (v. 1b e 4).

Haverá um novo céu e uma nova terra (21.1). “Céu e terra” é uma expressão que indica a totalidade da criação formando agora um novo sistema que integrará harmoniosamente todos os elementos do planeta (cf. essa ideia, com outras palavras e imagens, em Is 11.6-10). Assim como o ser humano, a natureza também será resgatada do poder do pecado (Rm 8.20-22). João quer nos mostrar que não habitaremos em um lugar “desconhecido”, com pensam alguns que interpretam “novo” céu e terra como algo que se opõe àquilo que conhecemos. “Novo” (do grego *kainós*) diz respeito à qualidade. Serão a mesma terra e céu, mas agora revestidos de eternidade e sem as marcas do pecado que os corromperam por culpa dos seres humanos. Habitaremos no mesmo velho e bom planeta que Deus criou para o nosso regozijo. Todas as coisas belas da criação, que hoje são afetadas pelo pecado, serão redimidas e desfrutaremos delas como Adão e Eva no princípio.

Não haverá mais o mar (21.1). Sinônimo de caos e de oposição a Deus, as águas no Apocalipse representam os povos que estão sob o domínio de Roma (17.15). Por isso a besta (Império Romano) é vista emergindo do mar, o que a coloca em posição de destaque como a líder dos povos (cp. 13.1). Diante disso, não devemos considerar a inexistência do mar como a negação de sua realidade física. O texto não quer dizer que os mares que hoje existem em nosso planeta deixarão de existir na nova criação, pois eles, como toda a obra de Deus, serão redimidos e continuarão presentes no planeta para o gozo e o benefício do povo de Deus. O autor do Apocalipse utiliza o “símbolo” do mar para indicar que aquilo para o que ele aponta, a oposição a Deus, não estará presente nesta nova realidade de harmonia total. Portanto, não serão os “mares” que deixarão de existir, mas sim aquilo que eles simbolizam: o poder do Império Romano perseguidor da Igreja e qualquer outro poder que assim atue. Esses sim, não existirão nunca mais!

Haverá a nova Jerusalém que desce do céu (21.2-3). Ela está vestida como “noiva”. Esta indicação é importante, pois em 19.7-8 é a “Igreja” que se apresenta como noiva, e em 22.17 é ela, a Igreja, que diz: “Vem”, para seu noivo, Jesus Cristo. Podemos inferir, portanto, que a Nova Jerusalém, descrita como “noiva”, é uma figura que se refere à Igreja, a noiva do Cordeiro. Esta interpretação também está de acordo com o v. 3, onde se fala novamente da Nova Jerusalém, agora como o “Tabernáculo” de Deus com a humanidade. Nesse versículo não se diz que Deus habitará “na Nova Jerusalém” com os homens, mas apenas que “Deus habitará com eles”. Portanto, a Nova Jerusalém é a própria Igreja, o povo de Deus com o qual ele habitará.

Não haverá mais sofrimento (21.4). As lágrimas e o pranto, assim como a morte e o luto que sobrevieram aos cristãos pela perseguição, e que, no decorrer dos tempos atingem aqueles que são fiéis a Jesus Cristo, “não existirão”. Eles fazem parte das “primeiras coisas” que já passaram. Essas “primeiras coisas” representam o mundo sob o pecado e regido por poderes opressores que foram vencidos e não exercerão mais seu poder.

O responsável pelo surgimento da nova criação (21.5-6)

Após descrever como será o novo mundo onde os salvos em Cristo habitarão, João apresenta o responsável por essa transformação. Ele “está assentado no trono” (v. 5). No Apocalipse, é sempre Deus que está assentado ali (cf., por exemplo, 4.2-3). Ele é o “alfa e o ômega”, o “princípio e o fim”. Isso quer dizer que tudo o que aconteceu, tem acontecido e acontecerá, desde o começo dos tempos até a consumação final, está sob as mãos poderosas de Deus. Na realidade, tudo o que é descrito no Apocalipse, mesmo quando traz sofrimento e é incompreendido pelos cristãos, pertence ao “livro que está nas mãos de Jesus Cristo” (5.7), e que foi aberto por ele em sua exaltação. O conteúdo do livro revela o domínio de Deus sobre a História. É por isso que o final do livro apresenta a vitória da Igreja. Ela é amparada e dirigida por Deus até a vinda de Jesus Cristo.

Quem participa e quem não participa da nova era (21.7-8)

Os cristãos que gozarão da comunhão eterna com Deus são descritos como “vencedores” aqui (v. 7) e em capítulos anteriores (cf. 2.7,11,17,26; 3.5,12,21). Eles são os que não assimilaram os valores de Roma e, quando necessário, pagaram o preço da fidelidade com a própria vida. Os que não participam do novo mundo são apresentados no v. 8. É uma descrição genérica, enfatizando um comportamento que se relaciona diretamente com os cristãos: “covardia” é primeiro termo da lista. Certamente alguns cristãos, diante das perseguições, se acovardaram e se uniram à besta. Os “incrédulos” podem também identificar não apenas os que não creem em Deus, mas também aqueles que não creram nas palavras de João, o escritor do livro, julgando-o radical em sua postura. Portanto, essa advertência é ampla o suficiente para incluir também os cristãos “nominais”.

DESCRIÇÃO DA NOVA JERUSALÉM – 21.9-22.5

Este bloco desenvolve o tema da Nova Jerusalém já apresentado em 21.2-3. A descrição começa em 21.12. Devemos lembrar que já consideramos a Nova Jerusalém como uma figura da Igreja. Tal posição pode parecer estranha ou pouco comum, mas creio que ela se enquadra no estilo literário de João. Ele usa comumente figuras e imagens simbólicas. A “Babilônia” simboliza Roma (17.9a), que por sua vez simboliza o centro do poder imperial. O “dragão” simboliza Satanás (12.9); os “sete espíritos” (1.4) representam o Espírito Santo; “mil anos” simbolizam o período entre a encarnação, morte, ressurreição de Jesus Cristo e um tempo imediatamente anterior à sua segunda vinda, e assim por diante. Se a simbologia é tão comum no livro, por que justamente agora deveríamos tomar a descrição da Nova Jerusalém como algo literal e concreto? Portanto, julgo que a interpretação proposta está coerente com o restante do livro. Sendo assim, devemos ter por certo que onde o escritor menciona a cidade santa ele está usando uma linguagem simbólica para falar na realidade do povo de Deus, da Igreja.

É protegida (21.12).

A proteção é indicada pela referência à “muralha alta” (Cf. Is 26.1). Na antiguidade era inconcebível uma cidade que não estivesse protegida contra seus inimigos por intermédio de uma muralha inexpugnável. Essa ideia é usada aqui para dar certeza aos que estarão na presença do Deus de que nenhum mal os ameaçará. O tempo das ameaças e perigos já passou.

Tem nos apóstolos seu fundamento (21.14)

Esta afirmação é básica para todos os demais escritos do Novo Testamento. A Igreja foi constituída sobre o fundamento dos apóstolos (cf. Ef 2.20). Assim, só participa do povo de Deus aquele que segue o ensino dos apóstolos, que por sua vez tem por base o ensino de Jesus Cristo. Os que seguem ensinamentos falsos (2.14-15,20-23) correm o risco de ficar destituídos da vida na nova era.

Recebe a presença intensa de Deus (21.16)

A cidade tem a forma de um “cubo”. Seu comprimento, largura e altura são iguais. Isso lembra 1Rs 6.20 que fala do “santo dos santos”, local santíssimo do templo de Jerusalém, também com o formato de um cubo. É muito provável que a ideia desse texto veterotestamentário esteja presente no Apocalipse. Se anteriormente Deus se manifestava somente no santo dos santos e apenas para o sumo sacerdote, agora, na Nova Jerusalém, ele se manifesta em toda a cidade (Cf. 21.3), isto é, a todas as pessoas.

É preciosa (21.18-21)

Lembremos novamente que a imagem da cidade aponta para a realidade do “povo de Deus”. Portanto, todas as pedras preciosas alistadas, bem como “a cidade de ouro puro” (v. 18) não são realidades concretas, mas símbolos que se referem à Igreja. Talvez alguns leitores fiquem tristes ao saber que não andarão em ruas de ouro na Nova Jerusalém.

Mas, pergunto: o que é mais importante, andar em ruas de ouro (que não possuem nenhum valor monetário na nova vida), ou ser, você mesmo, comparado com o ouro e com pedras preciosas? Para Deus seu povo é tão precioso quanto esses indicadores de riqueza.

Deus é pleno nela (21.22-23)

No novo mundo não existirá Templo (v. 22), lugar de culto e adoração, pois Deus será cultuado em todo lugar. Os conceitos de santo e profano não serão mais necessários. Não haverá sol nem lua (v. 23. Cf. 22.5). A glória de Deus será fonte de luz, assim como Cristo, o Cordeiro, será a lâmpada que iluminará o universo e a vida de todos os seres humanos ali presentes (Cf. Sl 27.1a).

Goza de vida abundante (22.1-2)

Essa ideia é evidenciada pela repetição da palavra “vida”. Existirá a “água da vida” (Cf. Jo 7.38-39) e a “árvore da vida” (Cf. Gn 2.9). Se essas imagens são literais ou não, não se sabe. O importante é o sentido delas. Mostram que a vida não será inerente ao ser humano, mas terá em Deus sua fonte. Eis novamente a ideia da nova criação, como em 21.1, somente que agora de modo mais claro seguindo os moldes do paraíso (v. 2. Cf. com Gn 2.9). Essa descrição reforça o que foi dito no comentário a 21.1. Não viveremos em um lugar estranho, cercado de nuvens e sem nada para fazer durante toda a eternidade. Com a imagem da nova criação apresentada em termos de um retorno ao paraíso, sabemos que viveremos como Adão e Eva antes de pecarem.

Poderemos gozar de toda a criação de Deus, passeando pelas matas, vales e montanhas, tomando banho de mar e com Deus a todo instante e em todo o lugar como companhia. Pensar a eternidade dessa forma significa encher o céu de vida. Na realidade, o próprio conceito de céu, entendido como eternidade, é um equívoco. Como está bem claro no Apocalipse, a eternidade será vivida aqui na terra, em meio aos elementos que conhecemos e que fazem parte de nossa memória. O desejo do ser humano de estar com Deus na eternidade é

consequência da consciência da continuidade da vida neste mundo, mas agora totalmente redimidos, nós e o mundo, e em perfeita harmonia.

RESUMO

Depois de tantas lutas e sofrimentos descritos no Apocalipse, João traz-nos uma imagem do novo mundo que, por sua beleza, torna-se difícil de qualificar. Por isso mesmo tantas imagens para descrever o que é quase indescritível. Os cristãos fiéis a Jesus Cristo que já morreram fizeram por merecê-la. Não que tenham sido salvos por suas obras, mas por que elas evidenciam fidelidade e amor a Jesus. Em lugar de morarem na Nova Jerusalém, eles mesmos “serão a cidade santa de Deus”. E o novo mundo não será novo no sentido de ser algo estranho ou desconhecido, mas será este mesmo velho e maravilhoso mundo onde moramos, renovado e redimido, como nós, onde habitaremos em perfeita harmonia e comunhão para sempre.

CONCLUSÃO

[O CAPÍTULO 22.6-21]

DEPOIS DE UMA LONGA CAMINHADA, lemos as últimas palavras de João. Estes versículos funcionam como uma conclusão na qual o escritor volta a citar vários pontos que já foram mencionados no começo do livro para que nos lembremos de seu objetivo e função. Traz também várias advertências sobre a não observância daquilo que foi revelado.

Embora este final seja um texto um tanto complexo, que traz dificuldade para a identificação de sua estrutura, podemos dividi-lo em duas partes, tendo como fator estruturador a frase: “eis que (certamente) venho sem demora” (v. 7. 12 e 20).

- Objetivo do livro e advertências contra sua não observância – 22.6-10,16-21.
- O comportamento dos homens diante da iminente vinda de Jesus Cristo – 22.11-5.

OBJETIVO DO LIVRO E ADVERTÊNCIAS CONTRA SUA NÃO OBSERVÂNCIA – 22.6-10,16-21

Os dois blocos de versículos (v. 6-10 e 16-21) são analisados conjuntamente devido à unidade de conteúdo. Ambos começam afirmando que um “anjo foi enviado para comunicar a mensagem” (v. 6 e 16). No v. 6 é Deus quem envia o anjo; já no v. 16 é Jesus Cristo. De acordo com 1.1 é Jesus quem envia seu mensageiro, porém nesse mesmo versículo Deus é o primeiro autor de tal revelação, sendo, portanto, indiretamente também responsável pelo envio do anjo.

No v. 6 a mensagem é dirigida aos “servos” de Deus. O v. 16 especifica quem são eles: são “as igrejas”, ou seja, as sete da Ásia Menor apresentadas nos capítulos dois e três. Isso nos lembra que para compreendermos textos bíblicos é necessário primeiramente procurar entender o que eles queriam dizer para os destinatários no tempo e contexto em que eles viviam. Somente depois é que poderemos atualizar a mensagem. Grande parte dos erros de interpretação do Apocalipse acontece pela desconsideração desse princípio básico.

Diante da afirmação de que Jesus “vem sem demora” (v. 7), o Espírito Santo e a Igreja (noiva) dizem: “Vem!” (v. 17). Mas para que esse desejo se cumpra de modo eficaz na vida dos cristãos é necessário que eles “guardem” as palavras do livro (v. 7b). Isso já foi dito em 1.3. A presença desse tema no início e no final do livro demonstra sua importância. “Guardar” significa “viver, observar, cumprir na vida”. De modo mais específico, “guardar” implica em “não acrescentar nada” (22.18) e “não retirar nada” (22.19). O que Deus desejava revelar está no livro, não existem acréscimos. Isso é importante diante de tanta fantasia que tem existido em torno do Apocalipse durante a História. Acrescentar pode significar a transformação de sua mensagem em uma visão meramente “espiritualista e mística” que não leva em consideração todo o caráter político e social do confronto da Igreja com a besta e o dragão, ou seja, com o Império Romano. “Retirar” algo do livro pode revelar o pensamento por parte de alguns de que João foi muito radical em suas posições, que a realidade não é bem assim.

Isso pode ter ocorrido naquela época e pode acontecer em nossos dias. Talvez essa tentação se apresente na vida daqueles que julgam que podem ter uma vida fiel a Deus e, ao mesmo tempo, andar de mãos dadas com os valores de um mundo que despreza Deus.

Finalmente, João nos apresenta a definição do livro: é uma “profecia” (v. 7, 10, 19. Cf. com 1.3). Já falamos do sentido de profecia na Introdução. A profecia é o “testemunho de Jesus”, segundo 19.10b. Ou seja, este livro é uma profecia na medida em que fala dos desígnios de Jesus Cristo, sua vontade para seu povo e para a humanidade. Portanto, o Apocalipse é muito importante, uma vez que não contém meramente palavras de João. O livro provém do próprio Jesus Cristo.

O COMPORTAMENTO DOS HOMENS DIANTE DA IMINENTE VINDA DE JESUS CRISTO – 22.11-15

Este texto, por estar no meio dos dois analisados anteriormente (v. 6-10 e 16-21), se apresenta como uma espécie de resultado e consequência deles. Os servos de Deus, aqueles que desejam ansiosamente a vinda de Jesus Cristo, que não acrescentam nada e nem retiram nada do livro, manifestam determinado estilo de vida. Aqueles que não observam as palavras da profecia e não se importam com a vinda de Jesus Cristo, apresentam um modo de vida próprio. Os v. 11-15 exercem a função de realçar essa questão com um alerta para os cristãos daquela época, e também para todos os que lerão o livro posteriormente.

O Apocalipse apresenta um tom realístico impressionante. Se no último capítulo vimos a beleza e a glória da vida com Jesus Cristo no novo céu e na nova terra, este bloco nos traz de volta ao presente fazendo-nos esquecer de qualquer pensamento ingênuo que nos leve a raciocinar que a vida não precisa se adequar aos padrões apresentados no Apocalipse. “As coisas podem ser mais fáceis”, dirão alguns. Mas para João a vida é dura e cheia de conflitos exatamente como o livro indica. É o que apresenta o v. 11, ao dizer que os homens continuarão até a vinda de Jesus Cristo sendo “injustos e imundos” de um lado, e “justos e santos” de outro. Embora o cristão tenha um compromisso social com o mundo ao seu redor segundo outros textos do Novo

Testamento, o conflito entre a vontade de Deus e a ação do diabo continuará até o fim. Não existe meio termo. Ou se está de um lado, ou de outro. É a postura diante da mensagem do livro que irá definir a posição do leitor.

Falando do destino final dos seres humanos, João novamente apresenta uma divisão fundamental. Haverá aqueles que “entrarão na cidade pelas portas” (22.14b). Estes são os que foram julgados por “suas obras” (21.11-15) e que receberão o “galardão” (22.12. Cf. 11.18). Possivelmente o galardão significa simplesmente a salvação, “o direito à árvore da vida” (22.14). Mas enganam-se aqueles que pensam que o Apocalipse trabalha com o conceito da salvação “pelas obras”. Para João, as obras são evidência de fé e de fidelidade. Porém, todos os cristãos estarão na presença de Jesus Cristo, pois “lavaram suas vestiduras no sangue do Cordeiro” (22.14).

Por outro lado, haverá aqueles que ficarão de fora da cidade. Eles são apresentados no v. 15. Eles já apareceram em 21.8 como aqueles que, longe de participarem do novo céu e da nova terra, sofrerão a “segunda morte”. São os que não levam em conta as advertências do Apocalipse. São também os mesmos “injustos e impuros” do v. 11a.

Por intermédio destas palavras, João está advertindo solenemente todas as pessoas, cristãs ou não, a darem ouvidos às palavras da Revelação. Isso definirá o destino final e eterno delas.

RESUMO

Os últimos versículos do Apocalipse dão um caráter solene à obra. Ela não pode ser menosprezada. Seu objetivo é abrir os olhos daqueles que a leem ou ouvem a fim de poderem discernir a época em que vivem. O fim “não está distante”. O diabo não irá se manifestar apenas no “futuro”. A besta não é nenhum ser “bizarro” que aparecerá com uma placa sinalizando: “besta”, nem seu sinal será uma “tatuagem”, ou o “código de barras” das embalagens. O Apocalipse é atual e sempre será. Ele nos ajuda a ver, por trás das estruturas sociais e políticas, quem realmente está agindo. Ele nos faz pensar se o estilo de vida que temos manifesta a marca da besta ou não, se nossas decisões e

adesões implicam em uma identificação com Deus ou, pelo contrário, com uma sociedade secularizada que se deixa influenciar pelo diabo.

Espero que a leitura deste livro tenha ajudado você a discernir melhor a vida e a se posicionar diante dela. Meu desejo é que, diante da mensagem do Apocalipse, você não se considere uma pessoa “morna” (3.15-16). Isso é muito perigoso. Se este livro o ajudou a quebrar barreiras que o faziam se distanciar do Apocalipse, e se você passou a simpatizar, gostar e respeitar o livro, já estou satisfeito. Afinal, devemos reconhecer que a Bíblia não poderia terminar com outro livro tão maravilhoso como ele!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALAND, K. et al (Eds). *The Greek New Testament*. 4^a. ed. rev. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1994.

BÍBLIA Sagrada. Revista e atualizada. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BORING, M. Eugene. *Revelation*. Louisville: John Knox Press, 1989. 236 p. (Série: Interpretation. A Bible Commentary for Teaching and Preaching).

BROWN, Raymond. E. *Introdução ao Novo Testamento*. Tradução de Fr. Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2004. 1135 p. (Série Maior).

CAIRD, G.B. *The Revelation of Saint John*. Peabody: Hendrickson Publishers, 1966. 316 p. (Série: Black's New Testament Commentary).

HENDRIKSEN, W. *Mais que vencedores: uma interpretação do livro do apocalipse* Tradução de Valter Graciano Martins. São Paulo: Cultura Cristã, 1987. 248 p.

- LADD, George Eldon. *Apocalypse*. Introdução e Comentário. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Edições Vida Nova e Editora Mundo Cristão, 1980. 224 p. (Série: Cultura Cristã).
- MESTERS, Carlos. *Esperança de um povo que luta*. O Apocalipse de São João. Uma chave de leitura. 7ª ed. São Paulo: Paulus, 1983. 82 p.
- MIRANDA, Valtair Afonso. *O caminho do cordeiro: representação e construção de identidade no Apocalipse de João*. São Paulo: Paulus, 2011.
- MOUNCE, Robert H. *The Book of Revelation*. Grand Rapids: Eerdmans, 1977. 426 p. (The New International Commentary on the New Testament).
- NOGUEIRA, Paulo. *O que é apocalipse*. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- PRIGENT, Pierre. *O Apocalipse*. Tradução de Luiz João Baraúna. São Paulo: Edições Loyola, 1993. 455 p. (Série: Bíblica Loyola, n. 8).
- TALBERT, Charles H. *The Apocalypse*. A Reading of the Revelation of John. Louisville: Westminster John Knox Press, 1994. 123 p.
- WILCOCK, Michael. *A mensagem do Apocalipse*. Tradução de Alexandros Meimaridis. São Paulo: ABU Editora, 1986. 196 p. (Série: A Bíblia Fala Hoje).



APOCALIPSE PARA HOJE é um livro para ser lido individualmente ou em grupos de estudo bíblico. É bom lembrar que Apocalipse foi escrito para igrejas, e que seu autor desejava motivar, além de indivíduos, comunidades inteiras a se posicionarem diante da vida.

Assim, antes de ser um comentário, **Apocalipse para hoje** é um texto que procura, a partir da mensagem do Apocalipse, pensar a vida como ela é, na sociedade e no tempo em que vivemos. Não se trata de um texto para especialistas, mas para o leitor comum, que quer entender melhor e viver a mensagem do Apocalipse.

O AUTOR

João Leonel é pastor presbiteriano, mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo e doutor em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Possui pós-doutorado em História da Leitura pelo Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, Portugal, e é professor no Seminário Presbiteriano do Sul e na graduação e pós-graduação em Letras na Universidade Presbiteriana Mackenzie. Coordena o Núcleo Multidisciplinar de Estudos do Protestantismo (CNPq). É autor de Perguntas de Quem Sofre - uma leitura do livro de Jó (Editora Ultimato).

ISBN: 978-85-7779-152-1



9 788577 791521

ultimato 